NOVELLAE OLIVARUM

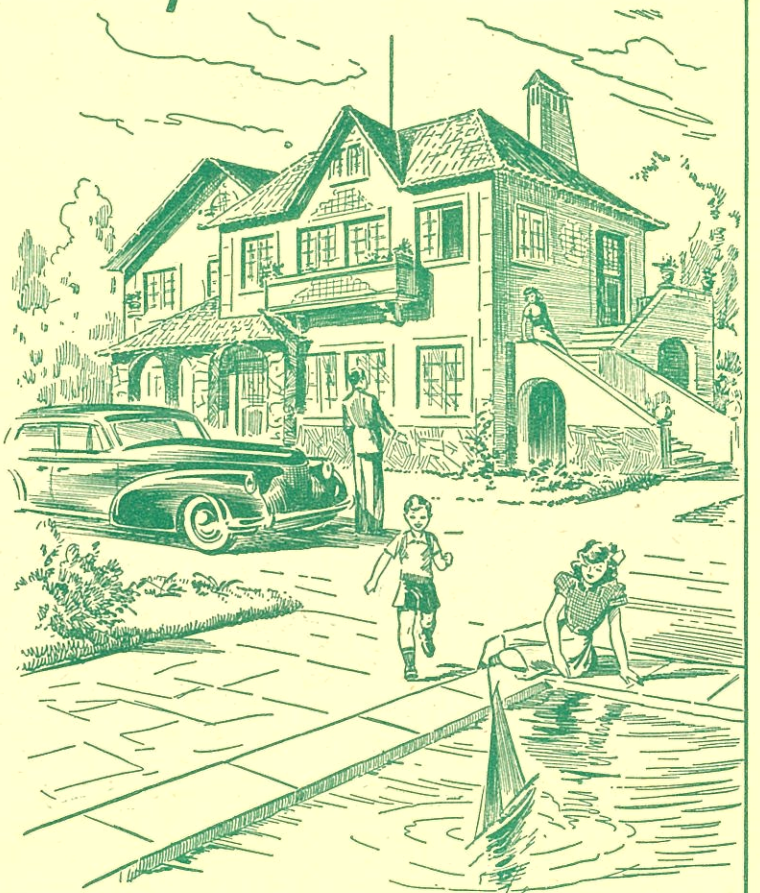
– NÚMERO ESPECIAL –

Dias Catequísticos

Seminário dos Olivais, 9-11 de Janeiro

ANO IX / JANEIRO-FEVEREIRO 1951 / N.os 81-82

Os bons valores garantêm-se com apólices da **IMPÉRIO**



COMPANHIA DE SEGUROS

R. GARRETT, 56 LISBOA

IMPÉRIO

E. PINTO BASTO & C.A, L.DA

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS
CARVÃO
SEGUROS
REPRESENTAÇÕES
(INDUSTRIAIS, ETC.)
EXPORTAÇÕES
TRANSITÁRIOS
ETC., ETC.

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.A, L.DA



FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme a norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Pôrto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PÔRTO

ROSSIO, 93, 2.°
LISBOA

Livraria e Papelaria Moderna

Machado & Ribeiro, L.da

Livraria Católica Portuense

LARGO DOS LOIOS, 50 — **PORTO** — TELEFONE, 2 5156

Grande sortimento de livros religiosos tanto nacionais como estrangeiros

Missais, Breviários e todos os demais livros litúrgicos

Religião, Naturismo, Romances, Moral, Direito, Engenharia, Máquinas, Arquitectura, Navegação, Música, Veterinária, Estudo, Educação, Ciências, História, Medicina, Higiene, Cozinha, Comércio, Agricultura, Receitas, Indústrias, Artes e Ofícios, Velocipedia, Ginástica, Natação, Fotografia, Leitura popular, Poesias, Teatro, etc. Gramática Portuguesa por José Maria Relvas, 13$00 — Gramática Francesa pelo P.e Conceição Cabral, 30$00 — História da Literatura Portuguesa pelo P.e Alfredo de Aguiar, 10$00 — Jesus ao Coração do Jovem pelo P. D. Zama Mellini, 13$00 — Perguntas e respostas concisas e familiares às objecções mais vulgares contra a religião por Monsenhor de Ségur, 12$50 — Caminho da Perfeição por Santa Teresa de Jesus, 16$00 — Mês das Almas do Purgatório pelo Abade Berlioux, 12$00 — Fundamentos e explicação doutrinal da Ladainha do Coração de Jesus pelo Dr. António Ferreira Pinto, 10$00 — Parábolas de Jesus Cristo pelo Dr. António Ferreira Pinto, 12$50—Ofício de Nossa Senhora em português e latim, 12$00—Beleza e Grandeza do Sacerdócio, pelo P.e Quillard, 25$00 — Manual das Noviças, 14$00

Material escolar — Peçam catálogos indicando o género de livros

FUNDADA EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSAS

com a aprovação de S. Ex.a Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

COMPANHIA VELHA

PÔRTO — Rua das Flores, 69 —

LISBOA — Praça dos Restauradores, 14

SACOR

A SACOR é uma indústria nacional.

Os seus produtos devem ser preferidos por todos os portugueses

COMBUSTÍVEIS — LUBRIFICANTES

Capital: 50 milhões de Escudos

Escritórios: **Rua do Alecrim, 57** Refinaria: **Cabo Ruivo**

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI—OLIVAIS

COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — JOÃO ALVES
Redactor — MANUEL LUÍS
Proprietário e Editor — RUY CORRÊA LEAL
Administrador — MÁRIO RAFAEL MARTINS DA CUNHA

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) . . . 20$00

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Casa Portuguesa —Rua das Gáveas, 103 — Lisboa

SUMÁRIO

A abrir 2

Teses apresentadas:

Primeiro dia:

A personalidade da criança 4
A formação moral da criança 6
Acção do meio sobre a criança 9
Mínimo de garantias para admitir à profissão de Fé 10
Acção do meio sobre a criança e reacção da criança preparada sobre o meio. Garantias mínimas para a admissão à Profissão de Fé e administração do Baptismo 10
Conquista das crianças para Cristo 15

Segundo dia:

Evolução dos Métodos Pedagógicos 18
Os ciclos no ensino catequístico 22
O gráfico ao serviço da Catequese 24
O Canto na formação religiosa das crianças 26

Terceiro dia:

Formação *espiritual* e da *vida de piedade* em torno da Lição de Catequese 29
Formação litúrgica em torno da Catequese 31
A organização da vida apostólica na Paróquia e o enquadramento nela das crianças 34
O Recrutamento e formação de Catequistas 37

Falam os Mestres 40
Conclusões dos Dias Catequísticos 46

A abrir

Os nossos «Dias Catequísticos», passados em ambiente de estudo e de oração naquele inolvidável tríduo de 9 a 11 de Janeiro do ano corrente, vão ser evocados ao longo das páginas que seguem. Apresentação sucinta das teses apresentadas e fraternalmente discutidas — eis o que se pretendeu, de modo a proporcionar a todos quantos assistiram a comodidade de um *resumo completo;* procurou-se que fosse assás inteligível — não um comprimido indigesto — para os que não assistiram poderem ficar com ideias exactas.

Nós confiamos no movimento de interesse que as directivas da S. Sé e os bons ofícios do nosso Prelado têm vindo a despertar no Patriarcado de Lisboa. «É preciso, em Deus, trabalhar acertadamente pelos nossos petizes» : eis o ideal que a pouco e pouco os Reverendos Párocos vão inculcando na alma das Catequistas, ou espalhando como imperativo de consciência entre as famílias. Porque é urgente que Cristo reine nas crianças deste Patriarcado ! Que linguagem mais eloquente do que essa dos números, revelando-nos que, em valores relativos, estamos muito longe de atingir todas as crianças em idade de catequese? Atingir sim —

melhor se dirá atingir a fundo: atingir nas suas almas infantis, que espontâneamente «vão para o Senhor», como dizia um grande Papa do do nosso tempo ; levar Deus, Cristo, a beleza da Fé esclarecida, o encanto da Graça cultivada, ser *mensageiros de Deus*.

O problema catequético é, antes de mais, um problema de Mensagem a transmitir. Pedagogia ? Sim ; nós estamos convencidos da necessidade das bases pedagógicas para o Catecismo ; o esforço cada vez é maior em preparar os alunos de Filosofia e Teologia nesse sentido, em habilitar as nossas Catequistas com os rudimentos necessários da sã Pedagogia Infantil. Simples Pedagogia ? Não ; pedagogia religiosa, que conta, na alma da criança, com todo esse conjunto de tendências que a fazem aproximar de Deus, buscar naturalmente — às vezes até sem que o meio a estimule a isso ! — a primeira Explicação de tudo — Deus, a primeira Satisfação interior — a Lei Moral Natural, e a Consciência . . . Só pedagogia religiosa ? Não ; pedagogia religiosa do *sobrenatural* : não da «religiosidade natural» mas das realidades sobrenaturais com que o petiz entrou em contacto desde o seu Baptismo ! Pedagogia da fé, e para a fé, contando com a iluminação divina que Deus dará, *actuando* essa alma que o Catequista dedicadamente prepara ; pedagogia da Vida Divina e para a Vida Divina, procurando levar a criança a amar Deus presente na sua alma, e a formar os primeiros «reflexos cristãos» de resistência ao pecado, que ofende a Nosso Senhor e pode fazer mesmo que Ele saia da nossa alma ; pedagogia da caridade cristã e para a caridade, fazendo sentir à criança a beleza da nossa solidariedade de cristãos, vigiando pelos primeiros hábitos de dedicação aos mais pobres e de perdão generoso.

TESES APRESENTADAS

(Resumo da tese – Algumas intervenções – Bibliografia)

PRIMEIRO DIA

A personalidade da criança.

Relator: Rev. João Alves

O Relator baseado, em parte, no quadro editado pelo «Centre International d'Études de la Formation Religieuse» (Bélgica), dividiu o seu trabalho em duas grandes fases: a criança antes e depois do uso da razão:

1.º Período: dos 3 anos ao uso da razão

A criança chegou aos 3 anos. Ei-la senhora dum bom número de experiências que lhe deram a consciência psicológica, isto é, uma certa noção,de que existe. Foi todo o jogo de pés e mãos que fez no berço, foi depois tudo aquilo com que entrou em contacto, que lhe fizeram chegar a esta conclusão: eu existo e fora de mim alguma coisa mais existe... Aos 3 anos a criança tem estas duas conquistas e sabe ainda que tem um «eu» que se manifesta pela vontade — a opor-se, a encaprichar-se. O petiz bate o pé e chora para dizer que não está pelos ajustes. E com todo este conjunto de noções, fruto da sua experiência mais que da sua inteligência, a criança corre, brinca, vive feliz. Já um grande pedagogo disse, um dia, que a criança é para duas coisas: jogar e imitar. E não nos admiraremos se repararmos que é o desenvolvimento progressivo dos seus órgãos que impele a criança a saltar, a correr, a andar numa roda viva todo o santo dia. Nesta altura a criança é movimento. E porque é movimento o jogo é a sua principal actividade.

«O jogo — diz Rimaud — é a forma natural da actividade infantil». Jogar para a criança é viver. O jogo é elemento precioso da vida infantil pois desenvolve a imaginação, a afectividade, a inteligência e a vontade. Aqui temos a primeira conclusão: *a criança dos 3 aos 7 anos desenvolve toda a sua actividade à maneira dum jogo.*

Analisando-o vemos que anda nìtidamente unido à imaginação. A razão não despertou por enquanto. O real não a prende. É a imaginação que manda na cabeça dos pequenitos. Continuando o exame descobrimos ligada à nota anterior a *imitação*. A criança, como dizia Claparède, «joga e imita». Imita tudo e a todos: pais, irmãos, companheiros de jogo, mesmo, infelizmente, os maus companheiros da rua.

Tem grande poder de observação que é sempre acompanhado da curiosidade. A criança é curiosa ao máximo, tudo quer saber. Não quer segredos e vá de perguntar: que é isto, que é aquilo, e não descansa enquanto não tiver lá para si que já sabe.

A criança não reflecte, não pondera ainda, não mede a consequência dos seus actos. Por isso *toda a sua actividade é marcada pela espontaneidade. Com esta anda intimamente unida a afectividade.* A criança é movida pelo apetite, pelo gosto, pelo sentimento. Escolhe as pessoas, as coisas e os jogos por gostar deles, por lhe agradarem e não por ver que eles são bons ou maus.

2.º Período: da razão à adolescência

A criança com a sua actividade contínua e descuidada foi progredindo no espírito e no corpo. *Aos 7 anos, pouco mais ou menos, desabrochou a razão,* que começa a dominar a vida da criança, de tal maneira que *aos 9 anos a sua influência opõe-se eficazmente à espontaneidade. Analisando a razão das crianças desta idade notamos nela uma feição prática.* Neste período, tudo para a criança, no campo intelectual, é uma questão prática.

A criança raciociona mas a sua razão não é lógica ainda. O jogo nesta idade começa a tornar-se reflectido, calculado, para ser ganho. Pouco a pouco a razão dá-lhe o gosto do real, do objectivo. A criança passa a encarar as coisas como elas são, sem se servir da imaginação.

Com este progresso da razão dá-se o aperfeiçoamento da consciência moral da criança e da sua consciência psicológica. A moralidade já não se resume na obediência e na desobediência do período anterior, é mais ampla, mais concreta, mais perfeita. A consciência psicológica dá à criança um conhecimento seu, cada vez maior. Todo este grande progresso é devido a dois factores: à estabilidade que domina a criança neste período e à sua entrada na escola. *Dos 9 aos 11 anos a criança* quase estabiliza, *vive calmamente.* Esta estabilidade é sumamente favorável ao progresso da razão, concorrendo também muito para ele a *entrada na escola.*

Depois do lar é a escola o grande meio que influi na vida infantil, como mais tarde será a fábrica ou outro meio de trabalho a formar o adolescente, se ele não continuar a estudar.

É a primeira vez que a criança sai do lar, da influência dos pais, portanto, por largo tempo, iniciando-se assim uma nova fase na sua vida. Entrou noutro mundo em que emparceirou com outras crianças mais ou menos da sua idade, sujeita como elas a uma autoridade, a uma lei, a deveres e a direitos.

O novo mundo é diferente do lar. Nele tudo é olhado pelo lado comum: são os meninos ou meninas, são as classes, são os exercícios, são os recreios, etc., etc... tudo comum.

A criança uma das muitas da escola! Que diferença entre esta e o lar! Ao princípio a criança sofre com a mudança, mas pouco a pouco vai-se habituando e até chega a ganhar simpatia por ela, simpatia que prepara e facilita a acção da escola sobre a criança. A escola acabará por formar o estudante, o ente escolar que é um ente social. Dar-lhe-á uma noção mais precisa do que é a autoridade, o dever, a disciplina, o trabalho, a camaradagem, etc., etc. Mas a escola tem os seus inconvenientes e alguns deles muito graves. O grande perigo vem dos companheiros em especial dos mais velhos. A acção destes dificilmente se evitará. A camaradagem leva-os a dizerem tudo uns aos outros.

É nestas conversas que muitas vezes se desvendam os primeiros conhecimentos àcerca do mistério da vida. São depois os outros defeitos: a deslealdade, a hipocrisia, a mentira, a preguiça, etc., que se desenvolvem quando não há perfeita vigilância.

Estes inconvenientes da vida escolar são agravados grandemente, em especial nos meios grandes, pela acção da má leitura, do mau cinema, dos bailes, revistas, etc., etc., a que a criança sempre assiste com plena liberdade embora vá com os pais.

Concluindo: A criança do uso da razão aos 11 anos atravessa um período duma certa estabilidade em que a inteligência se desenvolve cada vez mais, apreciando sobremaneira o objectivo, o real e o prático.

Faz ainda nesta altura a primeira grande experiência social na escola que lhe desvenda os primeiros conhecimentos àcerca dos problemas da vida, da grandeza e exigências do viver em comum.

INTERVENÇÕES E ESCLARECIMENTOS:

* *A leitura, o conhecimento dos livros, são precisos; porém, o fundamento é* observar *a criança!* (X.).
* *A imitação na criança até aos 7 anos, é espada de dois gumes... Se o meio familiar é mau, que desastre para o seu futuro!*
* *Então é preciso ensinar aos pequenos de 3-7 anos as verdades religiosas sob uma forma afectiva? — Sem dúvida!* (P.e A...).
* *A influência do «meio escolar» dos 7 aos 12 anos, não é antes diminuta? — Conforme; algumas crianças passam o dia na escola...* (Z.).
* *Parece que tem causado, de vez em quando, sua desilusão e aborrecimento, a falta de conhecimento da psicologia dos adolescentes em meio rural* (P.e C.).

PEQUENA BIBLIOGRAFIA

Bem elaborado:

1) *De l'enfant à l'homme* — P.e Gemelli, O. F. M.

Muito acessível:

2) *Les grandes lignes de la pychologie de l'enfant* — G. Jacquin — Ed. Fleurus — Paris.
3) *Prècis d'une pychologie de l'enfant* (1.º volume) — G. Collin — Ed. Delagrave — Paris.

Mais completo, para especialistas:

4) *Le développement psychique...* — E. Pichon — Ed. Masson & C.ª — Paris.

A formação moral da criança

Relator: Rev. Joaquim Sampaio

A insatisfação do homem com a sua condição presente e a ânsia de se libertar dela, e atingir uma felicidade maior, fazem pensar que ele tenta readquirir, embora inconsciente, o estado de integridade original. Nesta ânsia, o homem procura desenvolver progressivamente as suas faculdades — é a educação. Mas dado que o homem

tem um fim último e sobrenatural, conclui-se que «só a educação cristã pode ser total, completa, integral».

Consta a educação cristã de duas partes específicas: formação dogmática e formação moral. Embora objectivamente distintas, não são independentes, porque não se pode fazer uma sem a outra, quer dizer, não é possível verdadeira formação religiosa sem formação moral, nem esta se concebe sem aquela.

A formação moral será o aperfeiçoamento dos princípios internos dos actos humanos: a inteligência e a vontade — chamadas faculdades morais — e também do apetite sensível que, se não é princípio, nem por isso deixa de influenciar fortemente o acto.

Por conseguinte, a educação moral tem de atingir o homem no seu conjunto porque é afinal o homem todo que realiza o acto humano. Fundamentalmente a formação moral é a mesma para o adulto e para a criança — ambos têm a natureza igualmente complexa — embora possa e deva divergir nos métodos, enquanto deve ter em conta as diferenças de psicologia.

Antes do alvorecer da razão a formação moral da criança deve guiar rectamente o seu principal motor — o apetite sensível — para criar nela predisposições morais. *Com o despontar das faculdades intelectuais* começa a segunda fase da educação em que se torna necessário incutir os primeiros princípios da ética (despertar a inteligência para a ideia de Deus e de bem, levar a vontade a adquirir hábitos bons, cultivar os S. S. Pio XI, «deve ensinar a viver a vida cristã».

Antes de mais, esta educação compete aos pais como obrigação gravíssima (C. I. C. 1113) e direito inconcusso. O Estado tem também a obrigação de, com as suas leis, favorecer os direitos da família sobre a educação moral da prole, ajudando-a sobretudo por meio de escolas (Enc. Divini Illius Magistri). Primordialmente, porém, a formação moral impende à Igreja, que cumpre este dever, e exerce este direito, por meio do ensino catequético.

O relator demonstrou depois a tese: «A formação moral é fim do catecismo», concluindo que este deve ser essencialmente uma prática, uma vida; deve ter em mira formar cristãos verdadeiros porque fingidos já há demais, ou, no dizer de S. S. Pio XII, «deve ensinar a viver a vida cristã».

Examinando as causas da pouca influência, da actual catequese, em muitos meios, na vida das crianças, focou especialmente duas: «Por um lado faz-se da lição um mero exercício de decorar fórmulas, por outro a criança vê fazer o contrário do que lhe é ensinado; é o terrível mau exemplo e a influência maléfica dum ambiente corrompido: lar, escola, rua. Infelizmente a descristianização do meio familiar é cada vez maior; nestas condições os pais, em vez de formarem, deformam» (apontou alguns casos trágicos de verdadeira contra-educação familiar). «Depois, o ambiente escolar também não é propício e a rua, então, nem se fala».

Como conseguir pràticamente a formação moral através do Catecismo

Para conseguir este objectivo importa:

1.º — *Orientar todas as lições de catecismo para a prática,* de modo que nenhuma fique sem aplicação concreta porque a criança não se interessa senão pelo que tem

utilidade — «para que serve isto?». Nem se objecte que há lições puramente especulativas, porque, mais ou menos, todas estão relacionadas com a vida. Os bons catecismos já trazem esta orientação.

2.º — *Formar catequistas moralmente competentes:* cheios de bondade, fé, caridade, espírito de oração e zelo.

3.º — *Sanear a ambiência,* porque a criança tem grande propensão para imitar e por isso fará sempre o que vir fazer aos maiores: «*exempla trahunt...*»; se estes são bons, fará o bem, se maus, o mal.

Não pensemos que as técnicas modernas dos processos activos superam tudo. Enquanto se não modificar o ambiente de adverso e malsão para propício e sàdio é escusado esperar pelos resultados. Nem nos iludamos com as influências duma criança isolada no seu meio. Seria uma luta desigual. Todavia, pode haver milagres da graça, mormente no meio familiar. Não esqueçamos, porém, que a ordem normal é que seja a família a influenciar a criança. A consequência pastoral desta tese é patente: seguem uma tática errada, para a recristianização, aqueles que se dedicam exclusivamente à conquista da criança se ao mesmo tempo não procurarem conquistar os adultos.

Aplicação à formação da consciência e vontade

Quanto a este ponto, o Relator vincou a importância dos princípios éticos, sobretudo para evitar infiltrações do relativismo moral tão frequente na mocidade: «é bem o que me agrada»; «é preciso ver tudo, fazer tudo, para saber o que é a vida». Estas aberrações são consequências tristes da doutrina dos positivistas que atribuem a distinção de bem e de mal a legislação, aos costumes ou a dizem pura invenção de homens engenhosos e autoritários, estando portanto sujeita a perpétua mudança: Hobbes, Mandeville, Nietzsche. Este chega a afirmar que os homens eminentes estão acima do bem e do mal; tudo lhes é lícito.

No aspecto da formação da vontade — correcção de defeitos mais frequentes e criação de hábitos bons — o Relator disse ser tarefa fácil uma vez postas as cláusulas anteriores. «Pràticamente, o catequista deve estimular a criança, dar-lhe o gosto do sacrifício, aduzir o exemplo do Menino Jesus e finalmente lançar mão dos Sacramentos, que, também para as crianças, são meios de santificação».

INTERVENÇÕES:

* *Pela deficiente orientação da formação moral na Catequese, há quem seja céptico no caso, dizendo que a finalidade do Catecismo é ensinar só, não procurar a formação moral* (o R.).
* *Nos meios rurais, a rua estraga muitas vezes as crianças já aos 8-9 anos* (um Pároco).
* *Pode contar-se que as imperfeições da técnica pedagógica possam ser corrigidas de outra forma? — No geral, não; a não ser que nas famílias a formação maternal, a técnica do amor maternal, supra, para os mais pequenos* (N.).
* *Pode contar-se muito com a intervenção do Estado na educação moral? — A «intervenção» às vezes depende da boa vontade dos agentes de ensino, da boa disposição que manifestam em relação à Paróquia...* (P.e M.).

Excelente plano, boa observação:

1) *L'éducation, direction de la croissance* — J. RIMAUD — Ed. Aubier — Paris.

Da infância à juventude; formação moral:

2) *Educacion y equilibrio* — KIEFFER — Trad. castelhana — Ed. FAX — Madrid.

Idem, tratando o aspecto religioso e o profano:

3) *Une psychologie de l'éducation* — J. CASTIELLO — Trad. francesa — Ed. Casterman — Paris

Acção do meio sobre a criança

Sub-relator: REV. JOÃO AMARAL DOS SANTOS

Dada a grande importância que o meio tem na formação das crianças, torna-se necessário o seu estudo para combater a sua influência, se for má, ou aproveitá-la inteligentemente, se for boa. Na maioria dos casos, não é possível modificar o meio e, como a criança não deve ficar entregue a si mesma, é preciso prepará-la para a defesa e vitória sobre as influências do meio. Para isso deve formar-se a sua vontade e carácter no sentido de adquirir uma mentalidade sã.

Frisando que o problema do meio está intimamente relacionado com os problemas da hereditariedade e das instituições, o sub-Relator analisou sucessivamente os meios familiar e escolar.

O meio familiar é, em certo sentido, fatal, acompanhando toda a vida da criança e daí a necessidade de actuar nas famílias. É preciso actuar sobre os Pais, procurando aumentar-lhes o seu valor humano e cristão, por meio da A. C., da Imprensa, de festas e outros expedientes pois só assim se pode garantir uma melhoria nas futuras gerações de crianças.

Ao considerar o *meio escolar* começou por lembrar as palavras de Pio XI na «Divini illius Magistri»: «a Escola é, por natureza, uma instituição auxiliar e complementar da Igreja e da família» não devendo portanto estar em contradição com elas mas colaborar harmònicamente. Para que cumpra a sua missão é preciso que todo o ensino, todo o pessoal, programa e livros, em todas as disciplinas, sejam regidos por um espírito verdadeiramente cristão, sob a orientação e maternal vigilância da Igreja, de modo que a Religião seja o fundamento e coroamento do ensino em todos os graus. O sub-Relator referiu-se ainda à influência que os companheiros de escola exercem sobre as crianças, à necessidade duma preparação prè-escolar e à acção do educador a quem a criança deve estar ligada por laços afectivos.

Terminou salientando a importância do *padrinho* e sobretudo da *madrinha* na educação das crianças em razão da sua missão e do prestígio que geralmente tem junto da criança.

Mínimo de garantias para admitir à profissão de Fé

Sub-relator: Rev. Jacinto Gonçalves Pedro

O Relator, numa introdução, começou por frisar que a Catequese, mais que uma escola de ensino há-de ser uma escola de formação. Nesta formação, o catequista tem de atender às grandes realidades que influenciam a vida da criança e procurar fazer dela um cristão integral, dotado de consciência recta e carácter «vertical». Para assegurar a vida cristã no futuro, a criança, ao tempo de sair da Catequese, já deve estar segura na prática da virtude e ter adquirido uma compreensão da vida de Igreja (Missa e Sacramentos) proporcionada à sua idade.

Nesta obra de formação, será construir sobre a areia se não atendermos ao núcleo natural da vida da criança — a família. É no seio de família que a criança aprende a falar e a pensar. Os hábitos dos pais vão criar raízes na alma dos filhos vincando-lhes a personalidade. Sendo assim, conclui o sub-Relator, não deixa de ser lógico, e mesmo de grande conveniência que os pais afirmem pùblicamente a sua adesão à Fé que os seus filhos oficialmente vão testemunhar no acto da sua Profissão.

Supôs seguidamente as condições da parte da criança para que deva ser admitida a esta Profissão de Fé: idade, instrução, vida cristã, assunto retomado na tese seguinte.

Acção do meio sobre a criança e reacção da criança preparada sobre o meio. Garantias mínimas para a admissão à Profissão de Fé e administração do Baptismo

Relator: Rev. Padre Amílcar Amaral

O homem é um animal de hábitos. Estes hábitos formam-se insensìvelmente por força da imitação. Da imitação depende por completo a vida infantil, sobretudo nos primeiros anos; a criança imita os adultos por necessidade e por gosto de ser acarinhada e aplaudida. Imita portanto o que vê, observa e sente no ambiente familiar em que a sua vida se desenvolve, formando inconscientemente a sua personalidade infantil, fundamento da personalidade adulta. Esta prsonalidade virá assim moldada à semelhança da do pai, mãe e outras pessoas de família com que a criança está mais em contacto e que ama e admira.

Daqui resulta que a nossa grande preocupação deverá ser a família mais do que a criança isoladamente. Só cristianizando as famílias poderemos esperar fruto sólido do nosso trabalho junto das crianças e mesmo dos adultos. Para agir duma maneira durável sobre o «meio» duma Paróquia é preciso que se constituam nela lares sòlidamente cristãos. Basta às vezes um núcleo de famílias profundamente animadas de espírito de fé para formar mentalidade cristã na Paróquia.

Atingir as famílias e por elas os filhos é caminho mais lento talvez na aparência, mas na realidade o mais rápido e seguro e o de resultados mais duradoiros.

Meios práticos de atingir as famílias através da Catequese

Um dos primeiros objectivos a atingir será estabelecer contacto com as famílias e para isso sugerem-se os seguintes meios práticos:

1.º — No princípio do ano catequístico, *visitar* pessoalmente, ou por meio de uma catequista, todas as famílias onde haja uma criança de cinco anos feitos ainda não matriculada na catequese. Nessa visita devemos mostrar aos pais interesse sincero pelos filhos.

2.º — Antes de matricular as crianças, *reunir os Pais* e, em termos concretos, explicar-lhes o que é a vida cristã e o papel da família no desabrochar desta vida nas crianças. Depois de expôr o nosso ideal a respeito dos seus filhos, terminar, por ex.: «Eis o que nós queremos fazer dos vossos filhos. Se não estais de acordo, será mais leal dizê-lo já».

3.º — *No momento da inscrição,* o Pai, a Mãe ou irmão mais velho deve acompanhar a criança. Estreita-se o contacto com a família e colhem-se informações para a ficha da matrícula.

4.º — *Avisar as famílias* do dia em que principia a Catequese e pedir-lhes de novo a sua colaboração.

5.º — Dar à cada criança uma *Caderneta de notas* que será assinada pelos pais todos os meses. As notas poderão ser dadas em selos de cores. Os pais interessam-se pelo aproveitamento dos filhos.

6.º — Promover periòdicamente *reuniões com os pais* para os instruir (para liturgias, dramatizações, etc.) e pô-los a par do que se faz e pensa fazer na Catequese. Estas reuniões dão excelentes resultados.

7.º — Convidar sempre as famílias para as *Festas da Catequese.*

8.º — Se as crianças têm dificuldade em aprender o Catecismo, dizê-lo aos pais para que auxiliem os filhos a tirar boas notas. Os pais enchem-se de brio e tornam-se catequistas voluntários dos filhos.

9.º — *Interessar toda a família no ensino,* dando às crianças, para fazer em casa, certos deveres em que os pais ou irmãos mais velhos tenham de colaborar (desenhos, construções, exercícios...). Se esses trabalhos se destinem a um concurso, os pais quererão ver os filhos brilhar. O seu esforço de colaboração aproveitará não só às crianças como a eles próprios.

10.º — Escolher para *prémios* às crianças, objectos que cristianizem o lar (crucifixos, imagens, terços, evangelhos, bons livros...). Mesmo os pais hostis aceitam os que foi ganho pelos filhos...

11.º — *Biblioteca da Catequese.* Os livros que as crianças levam para casa podem fazer bem às pessoas de família que frequentemente o lêm.

12.º — *Curso para as mães* ou futuras mães em que se lhes ensina a educar os filhos. As mães, mesmo indiferentes, gostam de saber tudo o que seja para bem dos filhos. Devemos ensinar-lhes o caminho a seguir nas diferentes fases do desenvolvimento infantil, com «um ensinamento prático e detalhado de cada um dos deveres que elas têm

em relação à educação religiosa, moral e cívica dos filhos, indicando-lhes os métodos mais próprios para realizar eficazmente esta educação, além do bom exemplo da sua própria vida» (Pio XI). Onde não seja fácil reunir a princípio as mães, comece-se com as raparigas da A. C. e as catequistas, esperança de lares cristãos.

Influência nas famílias através das crianças

A criança, quando orientada para Cristo, para a oração e para a vida interior, é capaz de grandes sacrifícios. A sua candura, a confiança que deposita em nós, o seu gosto pela actividade e pela aventura, a sua falta de respeitos humanos fazem dela um poderoso factor do nosso apostolado. Temos nela um meio eficaz de fazer penetrar nas famílias o espírito cristão. Contando em casa o que se faz por ela, o que se lhe ensina, falando das nossas intenções e preocupações, inconscientemente convence os pais de que nos interessamos pelos filhos e isso fará cair muitos preconceitos e abrirá o caminho à simpatia, primeiro passo para a aceitação da verdade cristã.

Esta acção das crianças nas famílias, na escola ou no seu meio só tomará verdadeiro incremento se lhes incutirmos bem cedo um «*espírito missionário*». Em vez de procurarmos, quase sempre inùtilmente, preservar as crianças das influências nefastas do meio é preciso orientá-las para a conquista desse meio. Longe de lhes escondermos as dificuldades devemos mostrar-lhas, julgá-las com elas à luz dos princípios cristãos e fazer-lhes ver até que ponto e de que modo elas poderão modificar as coisas.

Procurando aprofundar a sua vida cristã pessoal, devemos incutir-lhes ao mesmo tempo a ideia de que todos os esforços para se tornarem melhores só atingirão completamente o seu fim quando concorrerem para o bem dos outros. Faremos assim desaparecer esse outro «tipo» de cristãos que vegetam encrostados no seu egoismo espiritual, ruminando orações a todos os santos, numa sensibilidade mórbida que não os deixa ver, para além da sua mesquinhez, a miséria espiritual, moral e material dos seus semelhantes a quem, com um pouco de boa vontade, poderiam levar algum alento e conforto.

Digamos-lhes que todo o mal feito por elas concorrerá para a desordem na família, na escola ou entre os companheiros; que todas as suas boas obras fazem delas auxiliares de Jesus para salvação das almas e tornar maior e mais belo o reino de Deus na terra.

Para desenvolver o espírito missionário, recomenda-se que se dêm às crianças *intenções-apostólicas para as suas orações,* em especial relativas às suas famílias. Por exemplo: «Vamos rezar pelo pai de João que está doente...», «vamos fazer pequenos sacrifícios por intenção do nosso pai e da nossa mãe, vamos oferecer por eles a Missa do Domingo...». Não devemos esquecer as grandes intenções da Igreja: os pecadores, as Missões, os cristãos perseguidos, o Santo Padre que conta com elas para salvar muitas almas, os sacerdotes, as freguesias sem Padre e, em particular, os inimigos.

Devem ainda iniciar-se as crianças na acção apostólica, fazendo-as que tragam à Catequese os companheiros que ainda não venham, auxiliem os que têm dificuldade em aprender o catecismo, dêm do que é seu aos mais pobrezinhos e exerçam o apostolado do bom exemplo em casa e na escola.

Nesta iniciação apostólica devemos aproveitar os *grupos naturais* que se formam entre as crianças e procurar que na Catequese a divisão das crianças se faça à base destes grupos naturais. Isso, pràticamente, pode fazer-se do seguinte modo: no princípio do ano reunem-se todas as crianças e dividem-se segundo os grupos habituais de diversão; a estes grupos agregam-se as crianças que não sabem a qual pertencem. Esta maneira de proceder facilita a acção sobre as crianças e seu meio de folguedo, facilita as reuniões de perseverança e o catecismo em casas particulares no local onde vivem.

Mínimo de garantias para a admissão à Profissão de Fé

A Profissão de Fé (também conhecida pela designação infeliz de Comunhão Solene) apareceu provàvelmente no século XVII, numa época em que o ambiente era cristão e a formação da criança se continuava na família e na escola. Hoje tal não acontece; o ambiente é desfavorável. O catecismo que antigamente era questão do ensino, hoje tem de ser um problema de vida, visando também o ambiente capaz de influenciar a vida da criança.

A fé da criança, por ocasião da sua Profissão, está longe de ser suficientemente esclarecida e firme para resistir aos assaltos do meio ambiente e das suas próprias paixões que começam a despontar; a criança está em vésperas duma vida nova, cheia de perigos que lhe é totalmente desconhecida e para a qual não está preparada. Ora é precisamente nesta época, em que mais necessitaria de amparo sério, que abandona a catequese e este abandono tem sido a causa da apostasia em massa das nossas crianças...

A Profissão de Fé, não deve tomar o carácter de juramento estricto quanto à prática de vida cristã no futuro. Deve ser uma afirmação pública e solene da Fé que as crianças já vivem. Quanto ao futuro, façam apenas o propósito, mais que juramento, de continuarem unidas ajudando-se mùtuamente na prática da lei da Caridade, e enquadradas nas organizações próprias para perseverança...

Poderia talvez o juramento de viverem o seu cristianismo na vida futura ser relegado para mais tarde, o que traria certas vantagens: 1.ª, mais tempo e maior preparação; 2.ª, contacto com as crianças no período mais crítico da sua vida; 3.ª, um conhecimento mais perfeito das dificuldades da vida futura e da responsabilidade do juramento; 4.ª, a criança já está entrada na juventude, período em que se revêm e concretizam as linhas do edifício religioso e da vida cristã.

Condições mínimas para a admissão à Profissão de Fé:

1.ª *Vida Cristã:* não devem ser admitidas, mesmo que saibam de cor toda a doutrina, as crianças que não tenham já uma vida cristã bem delineada. Para julgar desta vida cristã servem as seguintes normas: 1.ª, deve ter adquirido já o hábito da oração de modo a não faltar aos deveres comuns do cristão neste ponto; 2.ª, deve procurar conscientemente e por si mesma a Missa dominical; 3.ª, deve estar convencida da necessidade de frequentar os Sacramentos da Eucaristia e Penitência e, sem grandes recomendações, recebê-los ao menos nas principais festas do ano; 4.ª, deve ter um

comportamento moral pelo menos regular; 5.ª, ter um conhecimento suficiente dos pontos basilares da doutrina cristã de acordo com a sua capacidade intelectual.

2.ª *Idade:* A idade normal é os 12 anos e só por excepção (nalgumas dioceses, da campetência exclusiva do Ordinário) com menos de onze anos. O tempo é um factor importante e, por vezes, decisivo para a aquisição dos hábitos da vida cristã e sem que estes hábitos não estejam bem arreigados não há esperança de perseverança. A idade apontada deve entender-se para a Profissão de Fé sem juramento solene já que para este há toda a conveniência, como se disse, em prorrogá-lo para mais tarde (lá para os 15 ou 16 anos), dando ao acto uma modalidade diferente.

Garantias mínimas para o Baptismo de crianças

O Relator, depois de descrever a pouca seriedade com que este Sacramento é tratado em certos casos e o descrédito que disso advém para o cristianismo, conclui que «só se pode justificar o Baptismo duma criança em função da educação cristã que lhe permita tomar consciência da sua fé e tomar pessoalmente a responsabilidade das suas exigências» (cf. Can. 750, n.º 2.º). Em face destas considerações, e partindo do princípio de que o primeiro remédio é uma série e eficaz pregação sobre os Sacramentos, lembra as seguintes normas de acção:

1.º *Crianças cujos pais são profundamente cristãos:* Não são precisas garantias especiais. A criança tem todas as probabilidades de uma educação e ambiente cristãos.

2.º *Crianças de famílias não praticantes:* Torna-se necessário, pelo menos, instruir os pais sobre o grave dever de educar os filhos cristãmente e exigir deles um compromisso de honra feito por ambos e confirmado por escrito, de que mandarão a criança ao Catecismo logo que tenha idade. Se, porventura, tiverem filhos de mais de 6 anos que não mandem ao Catecismo, é questão para expor o caso ao Prelado. Entretanto, como garantia, deve encarregar-se um cristão da vizinhança de prover ao seu baptismo em perigo de morte.

3.º *Filhos de pais que não ofereçam garantia* de os educar ou mandar educar cristãmente: não se conseguindo, após tentativa, garantia alguma de educação cristã, nem pelo estímulo de outras pessoas de família ou do meio ambiente bom, deve-se expor o caso ao Prelado.

INTERVENÇÕES E ESCLARECIMENTOS:

* *Bastam a A. C., a Imprensa, as festas recreativas, etc., para formar os Pais como Pais e para darem aos filhos a formação conveniente? — Discute-se. Parece mais provável que são precisas obras especializadas para os preparar para a missão de educadores* (vários P. P.).
* *«A minha Catequese é pròpriamente uma escola de ensino religioso» — Melhor seria dito: escola de formação cristã...* (X.).
* *As falsas máximas do «meio» têm de se combater logo na Catequese? — Conforme as idades; certas crianças são capazes de reagir, outras não.*

* *É possível aos 12 anos prevenir e garantir as tentações e crises de mais tarde? — Não é essa a nossa finalidade; a criança, feita adolescente, tem de continuar a sua formação religiosa; simplesmente, aos 12 anos deve ir bem preparada para os 12 anos* (P.e G.).

PEQUENA BIBLIOGRAFIA DE LIVROS SOBRE PEDAGOGIA CRISTÃ

Pequeno, muito objectivo:

1) *Pour reussir auprès des enfants* — G. COURTOIS — Ed. Fleurus.

Bem elaborado, original:

2) *L'éducation, direction de la croissance* — J. RIMAUD — Ed. Aubier — Paris.

Excelente observação de um médico:

3) *Nos enfants et nous* — DR. DE GREAFF — Ed. Casterman — Paris.

Autor bastante apreciado:

4) *Pédagogie expèrimentale et chrètienne* — L. BARBEY — Ed. École et Collège — Paris.

Autor seguro, muito experiente:

5) *Formation rèligieuse et méthodes actives* — FR. LÉON — Ed. Mont Saint Guibert (Brab., Bélgica).

Muito concreto, boa observação:

6) *Le catéchisme un village* — LAUGUETIN-MUNICH — Editions Ouvrières — Paris.

Conquista das crianças para Cristo

Relator: Rev.do RUY CORRÊA LEAL

Conquistar a criança é trabalho fácil pois a criança procura o que é amável e bom, admira o que é grande e nobre, ama a quem a ama, é generosa, compadece-se com a miséria dos outros, está sempre pronta a descobrir o pobre e a sua mão é a primeira a estender-se para o socorrer. A criança entusiasma-se com a Pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo, Aquele que um dia, colocando um menino na sua presença disse aos discípulos: «Em verdade, em verdade vos declaro que se vos não tornardes semelhantes a esta criança não entrareis no Reino dos Céus».

Trabalhar com as crianças é fácil mas desde que se conheça bem a sua psicologia e a Catequese se apresente aos seus olhos atraente e interessante. Para isso, sugerem-se os seguintes:

Estímulos práticos

1.º Apresentar a Pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo como o grande *centro de interesse* de toda a Catequese, orientando a criança para o encontro com Nosso Senhor e fazendo-lhe descobrir a sua personalidade cristã. Fazer ver à criança do muito que

vale e que nesta economia da vida cristã não está isolada mas todos estão unidos e todos contam com ela.

2.º Promover ao longo do ano as principais festas litúrgicas com Missa solene e Comunhão das crianças, seguida, à tarde, de sessão teatral com números relacionados com a quadra litúrgica. Estas sessões são instrutivas para as crianças e famílias e têm-se realizado com excelentes resultados numa Paróquia perto de Lisboa.

3.º Organizar *passeios* em que tomem parte as crianças da Catequese e, porventura, pessoas de família. São sempre bem acolhidas tanto nos meios urbanos como mesmo nos rurais.

4.º Realizar de tempos a tempos uma sessão de *cinema*. Não convém tornar muito frequentes estas sessões.

5.º Dar *prémios* de maneira inteligente. O assunto tem sido discutido mas há que reconhecer-lhes vantagens e o Concílio Plenário preconiza-os (n.º 389). São discutidos os critérios quanto à atribuição, altura e modo da distribuição. De entre várias sugestões aponta-se o uso nalgumas Paróquias de deixar os prémios à escolha das crianças, começando por escolher as mais classificadas; evitam-se assim melindres que são frequentes.

5.º O próprio *material didático* (quadros, projecções, cadernos, etc.), quando bem escolhido é em si um excelente estímulo para garantir a assiduidade das crianças. Mas de todos, o maior estímulo depende da *Catequista*. Dela depende que a lição de catequese seja uma coisa monótona ou cheia de interesse e prazer para a criança. A catequista deve conhecer a fundo a psicologia infantil e saber desempenhar bem a sua missão de mestra e sobretudo de mãe espiritual das crianças, prendendo-as na Catequese, visitando-as nas suas casas, interessando-se sempre e em toda a parte por elas. Importa fazer compreender às raparigas da A. C. que a Catequese é um dos principais e mais urgentes meios de apostolado que têm ao seu alcance.

Conquista das crianças mais afastadas

Além dos meios apontados apresentam-se os seguintes:

1.º *Visitas a casa* de todas as crianças em idade de catequese. Na impossibilidade de as fazer pessoalmente, o Pároco escolhe um grupo das melhores catequistas e, servindo-se do ficheiro paroquial, manda-as a falar às famílias. É processo que dá sempre resultado.

2.º *Interessar as crianças* no apostolado junto dos companheiros que não frequentam a Catequese. Muitas vezes são os melhores medianeiros para se chegar às outras crianças.

3.º Estabelecer o contacto com as crianças na *Escola Primária*. Este meio é sobretudo bom nos meios urbanos. A presença do Padre na Escola é indispensável e reflete-se sempre na frequência da Catequese paroquial.

Falando, ainda, do Enquadramento das crianças na vida paroquial, o Relator citou o P.e Rétif (Cathéchisme et Mission Ouvrière) na necessidade de um «catecumenato»

para dar às crianças a consciência das exigências da fé e integrá-las na comunidade paroquial. Isso implica um esforço comunitário para criar um ambiente que sustenha e prolongue a acção do Catecismo e por outro lado, um esforço de aprofundamento pessoal junto das crianças e a sua preparação para ingressarem nos organismos paroquiais.

INTERVENÇÕES:

* *Como encarar o problema das crianças refractárias, que não é possível segurar com as outras nas nossas Catequeses? — Importa distinguir as idades: a partir dos 10 anos, fazem «grupos» mais ou menos fechados, em certos casos; esses, têm de se levar por processos de conquista especiais* (P.e F.). *Outros, por irrequietos, terão de se colocar em grupo àparte.*

* *O critério dos prémios não poderá ser o da assistência às crianças, no geral pobres em certos meios? — Mesmo assim, não convém fazer da distribuição dos prémios uma «parada» de caridade...* (vários P. P.).

PEQUENA BIBLIOGRAFIA

Indicações canónicas, pedagógicas, para o ensino do Catecismo:

1) *L'organisation catéchétique* — Roy — Ed. Casterman — Paris.

Estudo de conjunto sobre a organização catequística:

2) *Catéchétique* — Boyer — Ed. Lethielleux — Paris.

Experiência da èquipe de Colombes:

3) *Catéchisme et mission ouvrière* — L. Rètif — Ed. du Cerf — Paris.

SEGUNDO DIA

Evolução dos Métodos Pedagógicos

I PARTE

Evolução dos métodos de ensino

Relator: Rev. Carlos M. Castelão Gonçalves

No dizer de um pensador, «o método é o homem». Cabe aqui recordar, pois, que Jesus Cristo foi o Grande Metodólogo de todos os tempos — melhor, que Ele foi o Método vivo, para prender as multidões aos valores sobrenaturais, para aproximar os homens de Deus. Os apóstolos, após o Mestre, foram também metodólogos consumados: nas suas Epístolas transparece bem patente a «divina liberdade» de que usavam na conquista das almas para Deus — isto sem esquecer os «carismas», dom do Espírito, que ajudaram à edificação espiritual das comunidades cristãs nesse tão notável I século.

Hoje o pedagogo cristão tem de se afadigar, pois não tem à sua disposição esses carismas divinos; no campo do ensino, o trabalho é árduo, mas alguns pontos de apoio há com os quais se pode contar.

E antes do mais, os métodos ou processos *activos*. Um processo activo, supõe o uso do factor concreto, afim de evitar o jogo desleal e a abstração... Cautela porém, não seja o caso de ser o professor que está activo, não as crianças; teríamos então um método «agitado»... Um processo activo quer que a criança traduza no exterior a sua actividade interior; Montessori diz que no processo activo, o mestre «faz cair diante da criança o obstáculo da sua autoridade e actividade própria».

Os processos activos são uma conquista da chamada «escola nova». Preparada de longe pelo tão conhecido Pertalozzi, tendo recebido um certo cunho de americanismo de W. James e outros, a Escola Nova recebe com o Dr. Decroly a teoria dos 4 centros de interesse da criança... dos quais está ausente o religioso.

E assim, o naturalismo pedagógico, herdado do velho Rousseau, desconhecendo o fim da pessoa humana e as suas deficiências inerentes, do Pecado original, vem a viciar na prática os mais interessantes progressos da técnica pedagógica. Uma vez mais as ideologias vêm a fazer fracassar o resto.

Note-se que o termo «Escola Nova» tem sido honrado no campo católico com realizações pedagógicas interessantes: o caso da Dr.ª Montessori é talvez hoje o mais relevante, na educação dos pequeninos.

Para os pedagogos católicos, a vida da criança não se reduz ao sensorial; há até tendências em sentido contrário, pois no método Manjon (Granada) o ensino escolar, feito ao ar livre, traz a religião a propósito das mínimas coisas... Manjon dizia que a religião é a pedra de toque de toda a instrução e por isso cada lição, segundo ele,

não só deve ser movimentada, como deve ter uma ideia religiosa que fortaleça o coração infantil.

Um termo hoje corrente, o de «escola activa», traz-nos ao espírito o prender das aspirações e interesses espontâneos da criança, que se consegue fazendo um ajustamento adaptado da vida escolar toda, a começar nos programas: patrocina-se a sua actividade espontânea, pessoal e produtiva. Certas espécies de «escola activa» (Fevrière) não escapam porém ao naturalismo de Decroly . . .

* * *

De toda esta exposição, verificou-se que na evolução dos métodos de ensino se operou profunda revolução: «o séc. XX é o século da criança», disse já alguém.

Deste esforço de pedagogos, médicos, etc., para o conhecimento dos interesses, possibilidades, tendências da criança, resultou nos nossos dias uma ciência bastante segura, síntese de conhecimentos que permitem hoje agir no mundo infantil com bastante segurança.

Pena é que nem todos os pedagogos católicos tenham aproveitado das concluões da psicologia e pedagogia infantil. É necessário, como diz *Arlon* «deixar métodos bolorentos, tornando com novas técnicas o ensino mais atraente, interessante, vivo, activo, adaptado à mentalidade e possibilidades da criança e do adolescente. É em prol deste rejuvenescimento que se levantam por esse mundo os homens de pensamento da Igreja e se sente efervescência no caminho do progresso. De todos os lados se grita e os Rev. Párocos mais que ninguém, contra a esterilidade do ensino religioso, por todos os lados se proclama a insuficiência dos resultados e a falha de métodos antigos, ao passo que é cada vez maior a urgência de fazer face às exigências extraordinárias da hora actual e da mentalidade moderna.

O método e a questão de métodos não são solução mas resolvem em parte, não dão resposta mas respondem, é necessário que se acabe com o «não há nada a fazer» «o mundo está perdido», «a juventude não se interessa com as coisas da religião»... Convençamo-nos que a criança é acessível às verdades da fé, é hoje talvez mais acessível que nunca, mas é preciso saber ensinar, modernizar os caminhos de acesso, é preciso fazer pensar, interessar, fazer agir.

Não tenho a pretensão de apresentar o método ideal porque não existe, não refuto também os métodos usados, mas vincarei que não rejeitando nenhum método pois todos têm parcela de bem e verdade, todavia é necessário que voltemos aos bons métodos das primeiras idades cristãs e lhes ajuntemos urgentemente e sem desconfianças utópicas, os dados e experiências práticas que a pedagogia actual nos fornece de mais seguro e adaptado às necessidades da criança de hoje.

À imitação de Shields, Fargues, Derkenne, do método de Munique tão bem elaborado, do de «Sower» que interessa tanto as crianças, vamos nós trabalhar também em moldes novos! Só assim faremos a criança reter o que lhe ensinamos, compreender o que lhe explicamos e pôr por obras em actos o que lhe incutimos em exemplos, de modo a adquirir os grandes hábitos, arcaboiço da vida humana e cristã.

II PARTE

Orientação para a valorização do *processo* Evangélico Litúrgico

Relator : Rev. Manuel A. Lourenço

As correntes pedagógicas, seguem o fluxo e o refluxo das doutrinas filosóficas, na orientação das actividades humanas para um fim último. Quer a pedagogia, mesmo técnica, quer a filosofia, são porém incompletas, não só por não abrangerem omnìmodamente a multíplice actividade de cada homem — pois lhes escapa absolutamente o sobrenatural — como igualmente por lhe não proporcionarem os meios suficientemente eficazes para atingir o fim proposto. Por isso, são erróneas as técnicas não imbuídas ou incluídas no cristianismo, todas as vezes que queiram ultrapassar a função de meras ciências auxiliares, de educação.

Sem a Fé, ninguém se pode salvar (Hebr. XI, 6), mas é necessário desenvolver a virtude que o Baptismo infundiu na alma, para que esta «se eleve» e produza «grandes ramos» (Mc. IV, 32). «A sabedoria cristã faz-nos conhecer a Deus . . . e ordena que se honre ao mesmo tempo pela fé, o que é próprio do entendimento, pela esperança, o que é próprio da vontade, e pela caridade, o que é próprio do coração, e assim submete o homem ao supremo Autor.» (Pio X — «Acerbo nimis»). Mas a Fé, a Esperança e a Caridade são virtudes sobrenaturais, infundidas directamente por Deus, e não produto de congeminações humanas. Aqui está a insuficiência dos métodos catequísticos : não proporcionam, normalmente, à criança um ambiente que permita, quanto em nós está, a infusão ou o desenvolvimento destas virtudes. E assim, a criança, nunca faz, talvez, um acto de fé. Sabe mas não vive . . . nunca viveu !

Só Jesus é *o caminho, a verdade e a vida* (Joan. XIV, 6). Isto também é certo para as crianças, e portanto todo o ensino deve ser cristocêntrico. Não só conhecer mas viver com e por Cristo, e Cristo vivo actualmente na Igreja. Só o cristianismo vivo e «visìvelmente vivido», converterá o mundo. É a lição dos Actos dos Apóstolos (Act. V, 12-14) tão esquecida em nossos dias. Escreveu o autor sagrado : «*Caetorum autem — porém, dos outros,* daqueles que não eram cristãos porque não *tinham um só coração e uma só alma* (Act. IV, 32), porque não *oravam unânimemente no Templo,* não *comungavam no sacrifício de Jesus,* não *viviam honrando a Deus na alegria e simplicidade de seus corações* (Act. IV, 42-46) desses, *ninguém se atrevia a juntar-se-lhes — nemo audebat se conjugere illis.* E porquê ? por desprezo, por o cristianismo de tais não ser bem visto, por a sua vida ser repreensível ? *Mas se o povo os tinha em grande conta — sed magnificabat eos populus.* E então ? iria morrer o cristianismo à míngua de adeptos ? O escritor sagrado, como que esquecido do que acabava de escrever, ou antes, exactamente como conclusão do que dissera, acrescenta: *Magiis autem augebatur credentes Domino multitudo virorum ac mulierum.* Não, ao contrário. *Uma multidão de homens e mulheres aumentava cada vez mais os crentes no Senhor.* Homens . . . e mulheres. E hoje ? Não são os métodos que escasseiam. O mal é bem outro . . . enquanto não formos como aqueles, nada adiantaremos. Quando estivermos bem compenetrados da doutrina do Evangelho ; quando Cristo viver e agir

em nós ; quando sentirmos com Cristo, cabeça do Corpo Místico, chefe invisível da Igreja ; quando a nossa vida fôr «verdadeiramente católica», estaremos pouco tempo sózinhos. Recordemos os Actos dos Apóstolos: *Dominus autem augebat qui salvi fierent cotidie in idipsum* (Act. IV, 32). «*Dominus augebat*. . .» O Senhor! O mundo não será perfeito mas será melhor.

Como F. Foerster e Kidd confessaram, é a Igreja Católica a verdadeira mestra da educação. O que importa é educar, dar uma mentalidade cristã graças à qual o homem adquira o hábito de julgar e agir segundo Cristo, de tudo ver à luz de Deus e em vista à eternidade. «O fim próprio e imediato da educação, afirmou Pio XI, é cooperar com a graça divina na formação do verdadeiro e perfeito cristão, isto é, na formação do próprio Cristo nos homens regenerados pela graça. Na educação cristã integral, o catecismo é apenas uma parte, mas também nele a atitude interna do educador é da máxima importância. Só Deus trabalha as almas. O educador deve ser instrumento fiel de Deus, o método é apenas o instrumento do educador.

PROCESSO EVANGÉLICO-LITÚRGICO

O *processo evangélico-litúrgico,* é óptimo para o ensino da catequese, dentro do exposto. Diz-se *evangélico* porque tem o Evangelho como uma das principais fontes dos ensinamentos ministrados, e ainda, porque utiliza o processo pedagógico empregado por Jesus, processo que a pedagogia moderna veio pôr mais em destaque ; *litúrgico,* porque se enquadra na vida litúrgica e aproveita as graças do tempo litúrgico para melhor e com mais fruto ensinar a doutrina cristã. É na Igreja, de preferência em funções religiosas para tal por nós destinadas que, proporcionando às crianças um ambiente de fé cristã, se permitirá quanto de nós depende, uma mais profunda acção de Deus na alma infantil. É óptimo o uso das paraliturgias, consultando porém o nosso Bispo se alguma dúvida surgir.

É urgente, pois, um ensino para o homem todo, inteligência, vontade e coração, homem que tem um fim sobrenatural.

INTERVENÇÕES E ESCLARECIMENTOS :

* *Se a questão da pedagogia se tem de pôr de modo tão absoluto, como poderão as minhas catequistas dar boa conta de si ?* (P.e F., do meio rural).
— Antes do mais, a catequista tem de saber muito bem as verdades da Religião ; depois, na Escola Paroquial de Catequistas, ou nos Cursos Regionais de Catequistas, vai pouco a pouco descobrindo os «segredos» do ensino e educação religiosa . . . Há catequistas mais esplêndidas, prova de que também elas podem assimilar a pedagogia.

* *O insistir demais nos métodos pedagógicos não fará pôr em segundo plano os valores espirituais com que o catequista, «mensageiro de Deus», conta ?*
— Não ; porque se o educador é instrumento de Deus e conta com os auxílios da graça sobrenatural, por outro lado o método de ensino é instrumento do educador . . . Assim evita-se qualquer fortuita inversão de valores.

* *Os processos activos não provocam a indisciplina nos grupos ?* (P.e X).
— *Antes do mais, activo quer dizer em que as crianças se interessam, participam : isso não quer dizer barulhento. Uma classe pode estar activa, sem fazer barulho : bastaria que as crianças estivessem a vibrar.*

PEQUENA BIBLIOGRAFIA

Autor muito abalizado:
Ensayo de filosofia pedagogica — De Hovre — Trad. castelhana — Edições FAX. — Madrid.

Uma pequena súmula histérico-pedagógica:
Pédagogie chrètienne — Boyer — Ed. Lethielleux — Paris.

Tese sobre o valor do método indutivo:
Méthode pédagogique de l'enseignement du Cathéchisme — C. Roy — Ed. Casterman.
Méthodes actives... Cathéchisme vivant ! — 57 págs. — Boyer — Ed. Lethielleux.

Com esquemas de lições:
Formation religieuse et méthodes actives — Frère Léon — Procure des Marister — Mont S. Guisert (Bélgica).

Os ciclos no ensino catequístico

Relator : Rev. José Martins dos Santos

Apesar do catecismo ser antes de mais uma vida, na sua execução prática não exclui uma técnica, e uma dessas técnicas será no presente momento a dos *ciclos* no ensino. O ensino cíclico será a exposição gradual e sempre crescente da doutrina cristã, adaptada à mentalidade e capacidade intelectual das crianças dando-lhes uma ideia relativamente completa de cada matéria explicada. O fundamento deste método encontra-se no facto de a mente humana estar envolta numa espécie de neblina, que se vai dissipando pouco a pouco, com a luz da instrução e da experiência. No ensino cíclico parte-se dum ponto central, elementar e fundamental, e em cada classe sucessiva repete-se a mesma matéria, que vai tomando em cada ano ou classe, nova amplitude. Em cada ano de ensino deve-se, por isso, tratar todo o assunto, com amplitude proporcional ao tempo e à capacidade intelectual ; ou como se diz numa frase escolástica : «Deve-se ensinar o todo, mas não totalmente». Assim, a mente adquire pouco a pouco extensão, clareza e profundidade. As noções e impressões tornam-se mais fortes e mais duradoiras, e acima de tudo, a criança adquire desde o princípio e sempre, o nexo das coisas, estando por consequência menos exposta a esquecer aquilo que aprendeu. Dentro do método cíclico ou concêntrico ficaram enquadradas as diversas *classes*, tendo por base na sua distribuição não tanto o número, a idade ou a matéria a reter, mas sobretudo o sexo e a capacidade intelectual. A classe não é um simples aglomerado de crianças independentes umas das outras. Uma classe é uma pequena sociedade, e como tal precisa de ser considerada, respeitando-se-lhe sempre as suas reacções e sentimentos, e até mesmo a tendência aos «grupos naturais» que eles espontâneamente tomam.

Nesta ordem de ideias teremos o catecismo dividido em 3 Ciclos, englobando o primeiro as duas primeiras classes: pré-catecismo até aos 6 anos, e primeira comunhão 7 anos ou talvez mesmo 8 anos. As duas restantes classes, preparação para a profissão de fé, 9-10 anos, e profissão solene de vida cristã, 11-12 anos, corresponderão cada uma a um ciclo. Em todas estas classes poderão ainda fazer pequenas subdivisões, para atender ao nível de vida intelectual, evolução física, carácter e integridade de sentidos, mas isto só onde a abundância de catequistas o permita. Dentro deste método todo o ensino deve ser Cristo-cêntrico, apresentando-o todavia sob formas diferentes segundo a capacidade das crianças e a amplitude do tempo. Em todas estas classes deve-nos merecer atenção especial a do pré-catecismo, também chamada *Classe Maternal*. Neste período a criança não é um pequeno animal, ou um pequeno homem «homunculus» ; os pedagogos apontam mesmo esta etapa da vida do homem, como o primeiro grande período educativo. Toda a ausência de vida religiosa durante este período pode consttiuir uma lacuna quase irreparável. Sendo esta idade o período das primeiras grandes impressões, todo o ensino, mais que didático, deve ser histórico — daí a necessidade de desde o princípio e sempre, se fazer passar pela mentalidade das nossas crianças, por processos adaptados à sua capacidade, os grandes factos da História Bíblica e Evangélica. Assim a criança logo nos seus mais verdes anos conhecerá Cristo e o seu lugar na história do Mundo, a sua bondade, o seu amor, o seu sacrifício antes mesmo de poder dar uma definição do Mistério da Encarnação.

O conteúdo deste primeiro ensino será dar às crianças um sentimento de um Ser Supremo muito bom, incutindo-lhe respeito para com o Bom Deus, e um amor profundamente terno por Jesus e Maria. Expostos estes princípios sobre a natureza e conteúdo do primeiro ensino resta-me dizer qual o critério a seguir na prática. Pelo evoluir da legislação nos últimos quarenta anos, somos levados a concluir que para a primeira comunhão se deve exigir o menos possível, e para a profissão solene o mais possível. Finalmente direi algumas palavras sobre a conciliação prática da intelecção natural e memorização. Aqui como em tantos outros pontos da psicologia tomaremos uma posição intermédia, aproveitando as qualidades e rejeitando os defeitos de cada uma das opiniões opostas.

Assim não condenaremos «in limine» a mmeorização, mas antes reprovaremos a atitude daqueles, que transviados pelos métodos activos a suprimem completamente do seu ensino. Em boa verdade são absolutamente falsas as duas opiniões extremas. Completam-se uma à outra e só têm valor na medida em que utilizam conjuntamente. O erro dos defensores das opiniões extremas vem do facto de todos se esquecerem que uma e outra se ajudam, na medida em que se aproximam e procuram destruir-se no mesmo ritmo em que se separam. Boyer diz que «a memorização das coisas se faz na proporção directa em que se entendem» ; sendo assim a memorização e intelecção terão de caminhar juntas, caso contrário há desequilíbrio. A memorização pois, sempre que seja possível, deve ser feita depois da intelecção, o que obrigará a criança a encontrar as relações, semelhanças e diferenças entre as coisas, e chegaremos assim a um resultado que não se oponha diametralmente ao duplo primado da intelecção natural e memorização. Atendendo ao acima exposto poderemos tirar as seguintes conclusões : — Nunca fazer decorar nada sem primeiro se entender. A memorização relativa e a absoluta de certas verdades é absolutamente necessária, visto que, para

a criança, saber de cor, muitas vezes é a única maneira de saber. Conclui-se finalmente fazendo a apologia do exame, tendo todavia em vista que não deve ser uma investigação de fórmulas que se sabem de cor, mas de uma convicção que se vive e que é necessário premiar pela passagem de classe.

INTERVENÇÕES E ESCLARECIMENTOS :

* *Na organização de «classes e de «grupos» haverá que ter em conta a infeliz ideia de separar as crianças ricas das pobres ?* (P.e M.).
— O grupo de catequizados deve ser homogéneo, e atender às inclinações naturais das crianças umas para com as outras ; uma criança que não liga bem com as outras, tanto pode ser rica, como pobre . . .

* *A classe infantil, o tal Pré-Catecismo, é muito difícil de estabelecer, dada a penúria de catequistas e a falta de locais !* (P.e X.).
— Nós não podemos, no momento actual em que se começa a sério a assistência à infância, deixar de considerar o problema : nos Infantários, Jardins de Infância, etc., se não poder ser nas nossas Catequeses Paroquiais. Além disso, o rendimento futuro em vida cristã de crianças assim iniciadas, é surpreendente !

* *Para a 1.ª Comunhão não se está a exigir matéria demais, contra as prescrições de Pio X que queria que as crianças comungassem o mais cedo possível ?*
— Basta notar que, infelizmente, por enquanto em certas terras a 1.ª Comunhão não é seguida da Com. de Profissão de Fé !

PEQUENA BIBLIOGRAFIA

Catéchétique — Boyer — Ed. Lethielleux — Paris.
Tratado elementar de Pedagogia — Mons. D. Llorente (em castelhano).
Formação religiosa dos pequeninos — F. C. T. P. (tradução, desenhos de M. A. Santos) — Ed. União Gráfica.

O gráfico ao serviço da Catequese

Relator : Fernando de Brito Antunes

Serve o *gráfico* para auxiliar as crianças na compreensão das verdades que se lhes pretende ensinar. Aos que têm a missão de lhas comunicar, presta o gráfico auxílio na explicação dando-lhes a entender se a criança vai compreendendo ou não suas palavras ; o gráfico é uma espécie de *test mental*. . . É tido por certo que o conhecimento adquirido visualmente, com facilidade se fixa e mais firmemente do que qualquer outro se enraiza na memória (técnicas audio-visuais). A experiência de tantos factos o assegura em absoluto.

Será pois de grande interesse fazer representar por desenho simples e harmonioso as verdades que se ensinam. Tem o risco e o desenho para a criança, ingénua como é, tem um significado muito real e concreto. É, na verdade, de admirar como ela, em simples garatuja consegue descobrir a sua boneca — ou em qualquer bengala mal rabiscada a

girafa do jardim. . . Entre os primitivos, representava-se gràficamente o pensamento por desenhos e sinais que de si davam a ideia do que pretendiam significar ; do mesmo modo a criança (e ela é um primitivo neste ponto) faz representar por um simples risco a ideia que mais vincada lhe ficou.

Isso prova que uma das maneiras mais espontâneas e por consequência mais fiéis de representar o pensamento é o desenho. De grande conveniência será, pois, explorar o traço, e com base nele, reduzindo-o ao mínimo de elementos «trabalhados» elaborar finalmente o *gráfico* — cuja simplicidade nada tira às ideias do seu valor, e para as pessoas com menos capacidades de desenho, abre possibilidades que elas ignoram.

O gráfico deve, em primeiro lugar, pretender ser uma *fiel reprodução da ideia.* O catequista terá o cuidado de fazer compreender quanto possível as verdades que ensina fazendo esforço por as tornar acessíveis ao seu pequeno auditório. Por conseguinte terá de revestir suas palavras de características indispensáveis como: clareza, exactidão, oportunidade e outras mais. Quanto à *clareza* de ideias, é absolutamente necessária para um resultado satisfatório. O raciocínio das crianças é fraco : aceita o que de fácil compreensão se lhe apresenta. À clareza das ideias corresponde no gráfico a *simplicidade:* servindo ele para desanuviar a ideia, nada adianta se de si for já confuso. Não interessa o muito risco e pormenor, quando trazem desvantagem para a clareza e simplicidade...

Todo o gráfico terá de obedecer a uma *ideia central,* para a qual irão convergir as ideias complementares. Assim cada traço irá salientar e *completar* essa ideia impulsionadora, havendo por conseguinte um nexo interno entre ela e as ideias menos sugestivas. Para isso será útil o *desenvolvimento homogéneo* do gráfico, que se há-de conseguir sem dificuldade desde que suas partes venham a completar-se em seguimento lógico e claro.

Ao desenvolver-se um gráfico deve atender-se à *objectividade* no desenho a qual se terá tanto mais em conta quanto mais nova for a criança. É facto que esta não mostra grande atracção por sinais convencionais com muitas letras e cruzes. É-lhe, por vezes, mais dificultoso fixar tal convencionalismo que a própria lição apresentada. É preciso que pelo próprio desenho faça a criança menção do concreto, da realidade que ensinamos.

Outra grande qualidade requerida para o bom gráfico é a *oportunidade.* Várias lições, explicadas com o mesmo gráfico ou gráficos demasiadamente vulgarizados, não se libertam da monotonia e desinteresse. É de grande importância o traço variado e a propósito. Atender-se-á além disso à idade e sexo dos alunos. Tal como na exposição das ideias se deve empregar linguagem adaptada aos catequizandos assim também se usará o desenho que mais interesse lhes despertar. Será por conseguinte oportuno o gráfico que prender mais a atenção da criança.

A «técnica» a empregar será de si muito simples. Não há dúvida que a criança gosta do bom desenho, de tudo o que é feito com geito e arte, mas dadas as suas fracas possibilidades, não é isso, na verdade, que interessa ; convém mais que ela esteja à vontade e faça esforço por reproduzir o gráfico que ficará como *apontamento* da lição. Não importa, pois, desenhar com perfeição e arte, basta, e por vezes mais convém, desenhar ao geito das mesmas crianças. Para isso deve ter-se espírito de *observação* para se notar de como a criança se prende. Ter-se-á de empregar por vezes, e com bastante proveito, cores variadas que servirão não só para realçar ideias ou

separá-las como para dar também um ambiente de leveza ao gráfico. Deve empregar-se, além disso, o movimento nas figuras o qual juntamente com as cores e qualquer outro pormenor formará o chamado «elemento lúdico», que serve por conseguinte para atrair o interesse dos petizes.

Para concluir : é fácil o emprego do gráfico, muito conveniente na explicação, e até, por vezes, muito necessário.

INTERVENÇÕES E ESCLARECIMENTOS :

* *O gráfico não pode ser um modo de alterar as verdades Religiosas, por as querer materializar em linhas, desenhos, etc. ?* (P.e Dr. A. C.).
— *Os elementos gráficos procuram fazer uma* objectivação, *atraente para as crianças, que gostam de desenhar ; é natural que, se não nos defendermos da materialidade própria do gráfico, as crianças fiquem com uma ideia errada — porque o gráfico é no género de «comparação» e «omnis comparatio, claudicat» . . .*

* *Mas o gráfico não serve para crianças pequenas, que o não entendem !* (P.e N.).
— *Decerto ; mesmo é a partir dos 10 anos que se entra melhor na linguagem própria do que significam as setas, os traços, os círculos, os desenhos estilizados . . . Antes disso, a criança pura e simplesmente faz desenhos por ela inventados, faz o colorido de outros que lhe damos já contornados, etc.*

PEQUENA BIBLIOGRAFIA

Quadros catequísticos, em gráficos:
Gráficos em colores... — A. Haas, O. S. B. — 3 séries (Crédo, Mandamentos, Sacramentos) — Formato 30 × 42 cm. — Ed. A. S. C. E. A., Villarias, 5 — Bilbau.

Idem, menos bem urdidos, formato postal:
Catechismo di Pio X — 3 séries — Ed. Libreria della Dottrina Christian — Colle D. Bosco — ASTI (Itália).

Chalk Talkings on Catechism — J. O'Connor — Ed The Queen's Work, 3115, South Grand Boulevard, S. Louis (MO.) (EE. UU.)
(Quatro pequenos opúsculos)

O Canto na formação religiosa das crianças

Relator : Rev. Nuno Ferreira Magro

Na Natureza, ao lado dos sons emitidos pelas criaturas de Deus, encontra-se a voz do ser humano a louvar o Criador duma maneira racional, exprimindo os sentimentos da inteligência e do coração.

Cantando e ouvindo cantar, o homem sente-se um outro homem . . . A música como que o arrasta para uma região totalmente diferente da natural. Foi o que aconteceu com o grande Santo Agostinho ao sentir-se conquistado pelas melodias ambro-

sianas e é o que acontece sempre, sobretudo com as crianças que, por serem mais sensíveis e susceptíveis, mais se extasiam e mais se entusiasmam por um cântico ou trecho de música. Senão, vejamos como tão fácil e ràpidamente aprendem canções profanas, na maior parte das vezes com resultados totalmente desastrosos.

Se soubermos aproveitar esta facilidade e rapidez de aprendizagem no canto religioso, os resultados serão magníficos. No contacto inicial com as crianças há necessidade de deitar mão de canções profanas apropriadas, sobretudo daquelas em cuja letra se mencione um facto ou dito do Evangelho. O ensaiador aproveitará este facto para catequizar e pôr no ensaio um sabor sobrenatural. E assim, estabelecido o primeiro contacto, poder-se-ão ensaiar cânticos totalmente religiosos, aproveitando-os para a formação religiosa da criança. Neste ponto a Santa Igreja é verdadeira mestra ao utilizar nas cerimónias litúrgicas o canto e a música sacra. Para maior facilidade de retenção do Catecismo, o resumo duma lição num verso cantado será muito proveitoso. Assim o faziam, S. Francisco Xavier na Índia e o Padre Anchieta no Brasil. Desse mesmo modo aprendiam também os nossos antigos.

Passou o relator a analisar as *qualidades da letra e música* do cântico verdadeiramente popular e infantil. Entre outras enumerou as seguintes : *Para a letra :* a simplicidade, a espontaneidade, a singeleza e a compreensão. E *para a música :* «o compositor cristão, além de todas as qualidades técnicas próprias da música sacra, imprimirá nela, com aquele fundo de piedade e religiosidade, o sentido da beleza e ventura que a religião nos acarreta, tudo expresso duma maneira simples, como é simples tudo o que é espiritual». Fez ainda algumas observações sobre o movimento, cadências e tonalidade da melodia e apresentou exemplos demonstrativos.

O Canto Gregoriano é um tanto difícil de ensaiar no meio infantil actual, mas dada a necessidade de fazermos participar as crianças nas cerimónias litúrgicas, teremos de tender para o ensaiar. Acostume-se o ouvido da criança à estrutura gregoriana e a dificuldade diminuirá.

Nesta altura falou da importância a dar ao ensaio e do rendimento que dele pode tirar o ensaiador. Este terá de preparar-se remota e pròximamente. Treinará a sua voz, escolherá a qualidade e oportunidade do canto a ensaiar e no ensaio servir-se-á de um harmónio.

Após algumas regras de técnica para a formação da voz da criança e para a maneira de ensaiar, disse que o ideal seria a formação duma *Escola de Canto Paroquial* como aconselha Pio XI na Encíclica «Divini Cultus» «até nas igrejas mais modestas das simples paróquias». Isto contribuiria para que ao fim dalguns anos toda a família paroquial cantasse bem os louvores de Deus.

E para terminar apresentou a interessante sugestão de se comporem *versos musicados,* apropriados às diversas ocupações da vida da criança : Orações da manhã ; orações antes e depois de qualquer trabalho, escola e catequese ; à hora das refeições , na altura da visita em comum à igreja, ou ao cemitério, etc.

«Como seria belo e lindo que as nossas crianças puras e inocentes passassem o dia a louvar o Criador e a encherem as casas, as ruas e os campos com suas vozes finas e angélicas . . .

Se assim fosse teríamos um mundo alegre, mundo formado de anjos que cresceriam em homens e mulheres, cristãos cem por cento, verdadeiros filhos da Santa Igreja,

herdeiros confiantes daquela paz celestial que um dia gozarão para sempre, cantando o hino novo da eterna alegria com os Anjos e com os Santos.»

INTERVENÇÕES E ESCLARECIMENTOS :

* *Pôr a cantar no ambiente da Catequese, que é no fundo, religioso, canções de toada folclórica (para não dizer profana), não é perigoso ?* (F.).
— Se, infelizmente, temos de dar catequese no recinto Sagrado, já se vê que o que se canta não pode ser senão religioso, na música e na letra . . . Mas é preferível, fora do local Sagrado, fazer uso de cantos com ressaibos religiosos, para «espevitar» ; além de que é útil fazer cantar canções infantis, no intervalo da lição de doutrina pròpriamente dita, para distrair as crianças, para as desenvolver . . .

* *As toadas gregorianas são incompatíveis com a adaptação a letra em vernáculo ?* (X.).
— É difícil a adaptação, mas, dada a beleza de certas melodias monossilábicas, está-se tentando essa adaptação (vd. D. Anselmo Veys, em «Paroisse et Liturgie», 1950).

PEQUENA BIBLIOGRAFIA

Les chants du catéchisme — D. DAVID — Ed. de Fontenelle — S. Wandrille (Seine Inf). (o autor tem outras obras de melodia simples, interessante).
Les jeux du Caéchisme—C. BRUEL—Apostolat liturgique—S. André—Lez-Bruges—Bélgica.

TERCEIRO DIA

Formação **espiritual** *e da* **vida de piedade** *em torno da Lição de Catequese*

Relator : Rev. Manuel Luís

I — Aptidão para a santidade

A) *A NATUREZA*

O relator depois de ter notado a atenção que prestam à formação das crianças todos aqueles que tentam fazer vingar uma ideia nova na organização moderna da vida e das nações — frisando o exemplo comunista — fez um apelo à confiança na capacidade que a criança possui para receber o bem. Mesmo só no campo natural — prescindindo da acção da graça — podemos conseguir muito das nossas crianças. «O seu pequenino coração — disse — quando amorosamente preparado, fàcilmente se afeiçoa a um ideal de bem ; a sua natureza é capaz de generosidade e, a par de tendências para o mal, tem em si alguma coisa que a inclina para o bem.»

B) *A GRAÇA*

O relator continuou : «Se a natureza a formou assim, impressionável e capaz de se abrir ao que é belo e ao que é grande, a graça, na sua tarefa de elevar a natureza, dotou-a duma atracção especial para o Sobrenatural e para Deus — Suma Beleza. O Baptismo tornou-a capaz de receber o conhecimento das coisas divinas e de realizar acções sobrenaturais». O pequenino cristão é capaz de aprender a doutrina cristã e de a viver. Referiram-se, a seguir, alguns exemplos de crianças que hoje veneramos nos altares porque nelas se realizou essa obra maravilhosa do Espírito Santo.

Lembrou-se depois a gravidade do momento histórico que atravessamos afirmando : «a Igreja precisa que façamos das nossas crianças testemunhas vivas de Cristo !»

II — A personalidade do Catequista

Há necessidade, para o Catequista, duma profunda vida interior e duma preparação técnica conveniente. Ele será aos olhos da criança a incarnação do ideal cristão ; é a sua vida exemplar que a há-de influenciar : porque o Catequista é *Testemunha de Deus,* na expressão já hoje consagrada.

III — A formação espiritual

A) *A FORMAÇAO ESPIRITUAL PARA A VIDA*

O relator afirmou que a formação do cristão integral é o fim a atingir e que a instrução religiosa não passa de um meio. Citou as palavras do Venerando D. João, Bispo de Lamego :

«Nunca se repetirá demais que a Religião é uma vida e não um mero ensino . . . Quando às crianças se lhes ensina uma verdade, imediatamente se devem levar a tirar de tal ensino as consequências práticas que ele comporta.» (1) A formação religiosa é uma obra de colaboração com o Espírito Santo que actua na alma das crianças. Temos de prepará-la para a vida que a espera, vida de materialismo e, talvez, de ateísmo; temos de fazer dela um cristão militante.

B) *AO AMOR DO PAI POR JESUS*

À medida que na sua consciência vai surgindo a ideia de Deus o catequista deve apresentar-lhe os Mistérios em que mais evidentemente se patenteia o amor de Deus pelos homens, e procurar despertar na sua alma sentimentos de gratidão e amor pessoais a Deus Nosso Senhor. O espírito da criança — amigo do concreto — encontrará um poderoso auxílio na Pessoa Adorável de Jesus, que viveu, pequenino como ela, brincou, alegrou-se, chorou como qualquer criança. O Bom Jesus é a concretização perfeita do Amor de Deus por nós. Ensinar a Cristo pelas páginas do Evangelho , ensinar a conhecê-lO e a amá-lO.

C) *A PIEDADE E AS VIRTUDES CRISTÃS*

Insistiu na necessidade de criar uma piedade concreta e de a ensinar concretamente, nunca deixar passar uma lição de Catequese sem uma aplicação à vida da criança. Conhecimento e amor ; a criança benzer-se-á com mais piedade se conhecer a morte dolorosa de Jesus numa cruz (para isso ensina-la-á a benzer-se diante dum crucifixo). Levar a criança a fazer uma oração quando está bem disposta para a fazer, por exemplo, num passeio em que viu coisas tão lindas feitas por Deus Nosso Senhor.

As virtudes cristãs devem ser cultivadas a par das virtudes humanas. A importância dos hábitos nesta idade é *decisiva*. O relator disse em seguida que as crianças são poderosos auxiliares na obra do apostolado quando se entusiasmam pela conversão dos pecadores e terminou afirmando que elas são muito sensíveis à Devoção a Nossa Senhora por quadrar perfeitamente com a simplicidade e ternura do espírito infantil.

---

(1) Pastoral sobre Catequese, de 8 de Dezembro de 1949.

INTERVENÇÕES E ESCLARECIMENTOS :

* *Não pomos demasiado elevado o valor cristão da infância, uma vez que mais é ela dominada pelo* meio, *do que influi nele ?* (P.e F., de meio de vila).
— As verificações feitas, impõem-se : embora influenciada pelo meio, a criança podemos orientá-la para a vida cristã ; e se nem sempre pode reagir *sobre o meio, no entanto pode* aperfeiçoar-se *a si própria ! Isso é o escopo n.º 1 da educação religiosa.*

* *Já que tanto se fala em «preparar para a vida», as nossas Catequeses de facto não o têm realizado, como mostram as comoventes festas de Profissão de Fé, p. ex. ?*
— Se tais festas, mesmo precedidas dum pequeno «Retiro espiritual» para as crianças, não são apenas ocasião emocional para as famílias, as crianças, as catequistas . . . e até o Rev. Pároco, bem está ; senão . . . trata-se de fogo de vistas, sem raizes profundas de Graça, de Virtudes Cristãs, de Santidade, próprias da idade. É preciso desfazer ilusões perigosas . . .

* *As nossas catequistas não terão dificuldade em colher a lição espiritual, a aplicação à vida cristã, no momento oportuno ?* (P.eX.).
— É uma questão de piedade sólida e amor a Deus e às almas : se a catequista os cultiva, na altura própria saberá falar ao sentimento *das crianças, fazendo-as produzir bons propósitos . . . Não deixará passar esse momento, embora fugaz, de impressionamento por Deus, Jesus, Nosso Senhor, a Virtude, a Graça, etc. . . .*

* *Na paróquia de F., faz-se uma «lição de coisas» ao vivo a respeito da S. Eucaristia : antes de dar a Bênção Eucarística, especial para as crianças que vão fazer a 1.ª Comunhão, ao retirar o Cibório o Sacerdote fala um pouco e mostra as Sagradas Partículas.*

PEQUENA BIBLIOGRAFIA

Lubienska de Leuval:
L'éducation du sens réligieux — Edições SPES — Paris.
Petit traité d'éducation — J. Viollet. — Editions Famillíales de France.
Nos enfants et nous — Dr. De Greeff — Ed. Casterman.
La F. C. T. P. en action — Ed.: 19, R. de Varenne — Paris (VII).

Formação litúrgica em torno da Catequese

Relator : Rev. Manuel de Jesus Ferreira Pires de Campos

I — *Método primitivo da Igreja — método de oração.*

«A Igreja nos primeiros séculos só conheceu um método para a formação dos seus fiéis — o método litúrgico. Nele confiava quase exclusivamente. Por ele a Santa Igreja, ao mesmo tempo que iniciava os fiéis na oração, ia-lhes ensinando as fórmulas dogmáticas, os princípios da moral e as regras da ascética. O «ensino era prece e a prece

ensino, porque o ensino religioso e oficial revestia-se de formas de culto, sagradas e santificantes tais que, actuando poderosamente nas almas, graças aos expedientes por ele empregados — canto, cerimónias, ritos, alfaias, ornamentação de igrejas, etc. — só por si, bastavam para a formação integral dos seus filhos.» Deste modo, o catecismo era uma *instituição :* o Catecumenado . . .

II — *Método posto de parte e razão de sua falência.*

Não havia desta sorte qualquer separação entre o Catecismo e o Culto Litúrgico (compreendendo, igualmente, a prègação). Catecismo e Culto eram elementos complementares que não se separavam jamais — como acontece, infelizmente, em certas catequeses actuais, em que a pedagogia sobrenatural foi, pràticamente, posta de parte para dar lugar a um Catecismo esquematizado e cada vez mais denso, porque cada vez mais resumido. E o pior, é que com o pôr de parte este método a *fórmula da oração* deixava de ser assim, para a massa dos fiéis, *veículo principal* da doutrina cristã, apesar de ser a mais normal, humana e simples e, por conseguinte, a mais fácil e eficaz escola de formação religiosa e cristã dos pequeninos.

III — *Depois de falar do modo como se fazia a Catequese Primitiva, foi dito :*

«A Missa era — porque expressão máxima de culto — o centro de toda a Catequização» e que «todo o ensino do velho Catecumenato gravitava à volta dela».

Mais adiante acrescentava-se que : «Se a Liturgia em si era «Catecismo feito de joelhos» — Lex orandi, Lex credendi (no sentido da Encíclica «Mediator Dei») — a assistência à Missa era, desta sorte, verdadeira lição de catecismo prático, prègação das mais eloquentes do Dogma capital da nossa Religião» . . . Portanto, urgia «levar as crianças a amarem a Missa, promover mais e melhores as «missas das crianças», tornando-as mais activas na participação dos sagrados mistérios, integrá-las paulatinamente na inteligência do Ciclo Litúrgico, da Vida Sacramentária, no emprego dos Sacramentais, etc.».

Em seguida falou o Relator do carácter *Cristocêntrico* do método litúrgico e da sua eficácia, afirmando ser a Liturgia — o Catecismo popular por excelência porque o único que influencia o Homem todo — imaginação, sensibilidade, inteligência e até o próprio querer» ; porque o único que «o instrui desde a sua infância, que o acompanha durante a sua vida, em cada domingo e em cada dia de festa». Que era «ao mesmo tempo iniciação e catecismo de perseverança», porque garantia continuidade doutrinal na vida. . . . Mas para tanto pedia sòmente, que a par da doutrinação catequística se explicassem as cerimónias e ritos dos Sacramentos quer na igreja e nos próprios lugares das funções litúrgicas, quer nos salões da catequese) — dando ao mesmo tempo sua história e simbolismo — para as crianças aprenderem, de seguida, o sentido amplo e o valor total de toda e qualquer Acção Litúrgica.

Já quase no fim, lembra o valor do Missal, livro que não sofre comparação com nenhum outro, graças às fórmulas de Catequese e de Oração da Missa, e também no seu quadro litúrgico, que nos permite ter uma clara perspectiva dos acontecimentos

da vida de Jesus. Disse ser «obra máxima de catequese propagá-lo» mesmo entre as crianças.

Focou também a necessidade que há de formar no espírito litúrgico as nossas catequistas; e pediu para se aligeirarem os Cursos de Catecismo e para, de vez em quando, se intercalarem, entre as lições, uma sessão de educação religiosa em que a Liturgia tome lugar preponderante. Aqui referiu-se, embora brevemente, ao contributo precioso das PARALITURGIAS que nos nossos tempos prestam tão grandes e notáveis serviços, quer preparando, quer prolongando a ACÇÃO LITÚRGICA.

(Depois de se ter referido, de passagem, ao papel das bibliotecas paroquiais na formação das crianças, como obras esplêndidas que são para assegurar os fundamentos racionais da crença, que devem ser tanto mais rigorosos e científicos, quanto mais de tal segurança carece a alma da criança pronta a amadurecer e a enfrentar tempos terrìvelmente contaminados pelo virus recionalista)

Recordou que seria vantajoso :

«I) Preparar-se a Missa de Domingo, das crianças, pela catequese viva e prática, apelando para todos os recursos, e fazendo concordar, na medida do possível, o ensino com a prática da vida litúrgica, integrando-o na altura própria.

II) Dar-se-lhes a teologia do Ofertório, do Etipêndio, da Comunhão — *participação* antes que mera união piedosa da alma a N. S. J. C.

III) Pedir-lhes sua cooperação — ofertório vivido — aproveitando as festas, e, nomeadamente, as TÊMPORAS do Ano Litúrgico.

Mais, fazer com que elas desempenhem funções de responsabilidade dentro da paróquia e na igreja, por ex. : dirigindo a participação das colegas na assistência à Missa, fazendo peditórios, visitando crianças pobres, etc.

IV) Aproveitar-lhes o prazer que elas têm de servir, utilizando-as nas procissões, no canto e nas bênçãos do S.S. Sacramento.

V) Além disto promoverem-se Baptismos à hora da Catequese e fazer-se assistir a pequenada a eles, afim de que as crianças saibam bem como se tornaram membros vivos de N. S. J. C. e filhos da Igreja.

Expliquem-se para tanto as cerimónias de todos os Sacramentos e os ritos diversos que permitem — impressionando os sentidos, pelo seu valor objectivo, (a água que lava, o óleo que robustece e dá agilidade, o sal que tempera, etc.) que se mergulhe, por assim dizer nos mistérios de CRISTO que são os nossos mistérios. (. . .) Só depois então, assim *predispostas* (pela Liturgia) poderão vir a assimilar, com proveito e plena facilidade, a lição pròpriamente dita, as noções coordenadas e as fórmulas do Catecismo, densas, precisas e abstractas em si, mas absolutamente necessárias, para se não vir a cair numa crença abastardada e independente de todo o MAGISTÉRIO. A Liturgia terá, desta sorte, a vantagem de dar o recheio às nossas Catequeses.

INTERVENÇÕES E ESCLARECIMENTOS :

* *O método «litúrgico», decalcando o ensino do Catecismo sobre o Tempo Litúrgico, ao introduzir na cabeça da criança novas noções, litúrgicas, não tornará o ensino religioso ainda mais complicado para os pequenos ?* (P.e N.).

— *Desde que se fale de coisas litúrgicas sem a «preparação» suficiente, de facto . . . acumula-se abstracção sobre abstracção ; porém, o conhecerem as épocas* mais importantes *do Ano Litúrgico, p. ex., não difícil de conseguir a partir dos 8 anos (e em certos casos, usando jogos, etc., mesmo antes).*

* *Em matéria das noções fundamentais de Religião, a Escola Primária não bastará ?* (X.).

— *Não, porque em matéria de Religião o Tempo . . . é a 1.ª Escola ! Há coisas que ou se aprendem NUMA igreja, ou nunca se aprendem.*

* *Pode fazer-se um baptizado à hora da Catequese, sem prejuízo da boa ordem e da seriedade litúrgica ?*

— *Porque não ? É até o meio mais apto de afastar de vez as ideias erróneas sobre o sal na boca da criancinha, etc., que as famílias às vezes propinam aos nossos pequenos, e para as habituar de futuro a conservarem-se sérias durante as cerimónias do Baptismo.*

PEQUENA BIBLIOGRAFIA

Le travail individualisé au Catéchisme — pela «Équipe de St. Germain de Charonne» — Ed. Presses de l'Ile de France — Paris.
La sanctification des enfants — J. BLONET — Ed. J. Gabalda — Paris.
La premiére communion des petits enfants — BOYER — Ed. Lethielleux.

A organização da vida apostólica na Paróquia e o enquadramento nela das crianças

Relator : REV. MANUEL FRANCO FALCÃO

Da forma como a tese está enunciada pode desenvolver-se em dois sentidos : o papel do apostolado na formação cristã das crianças ou a formação das crianças em ordem ao apostolado.

I — Apostolado e Catequese na formação cristã das crianças

O problema da infância não é apenas um problema de pedagogia e psicologia mas também um problema de sociologia, ou, transpondo para o campo religioso, a formação da criança não é apenas um problema de catequese mas também *um problema de ambiente cristão.* Não basta, portanto, catequizar a criança ; é indispensável cristianizar os meios. Ora, é esta, a missão da Acção Católica.

Tendo já em vista esta conclusão, o relator, numa longa introdução, analisou o dever de apostolado que assiste aos leigos, dever de caridade, que deve ter em vista, não só a acção directa sobre os indivíduos *(apostolado de evangelização)* mas também a acção directa sobre os meios, instituições e influências sociais *(apostolado de cristianização).* Depois de mostrar a grande influência que sobre a vida dos indivíduos exerce a ambiência social, disse que esta, outrora cristã, deixou de sê-lo. Para a cristianizar, obra de grande envergadura, a Igreja mobilizou os leigos católicos e organi-

zou-os para o *apostolado da Acção Católica*. Frisou a transcendência desta medida da Igreja e apontou brevemente a natureza, finalidade específica, organização e exigências da A. C.

Como ponto de ligação da Introdução com o fundo da tese, examinou *as relações entre A. C. e Paróquia*, concluindo : «Dum modo geral, A. C., no seu conjunto, visa a Paróquia (centro da vida sacramental e litúrgica na organização concreta da Igreja) como termo dos seus esforços, mas nem sempre a visa imediatamente (quando o seu campo de acção é distinto do meio paroquial ou visa problemas de apostolado que transcendem o plano paroquial). *A Paróquia tem a esperar da A. C. :* 1.º — a contribuição fundamental para a melhoria da mentalidade religiosa e moral dos meios sociais ; 2.º — o apostolado dos seus organismos paroquiais e não paroquiais ; 3.º — a colaboração dos seus melhores elementos nas obras paroquiais. Por seu turno *a A. C. espera da Paróquia :* 1.º — a vivificação sobrenatural de todo o seu apostolado ; 2.º — a formação, desde a Catequese dos seus militantes ; 3.º — compreensão das necessidades apostólicas modernas; finalmente, grande adaptação ao enquadramento das ovelhas desgarradas que a A. C. leva até às sus portas».

Referindo-se à pouca influência que a Catequese tem na vida futura das crianças, sobretudo nos meios descristianizados, apontou em especial três causas deste fenómeno . 1.ª — influência dos meios que é maior nas crianças que nos adultos *(causa sociológica);* 2.ª — a entrada para a escola média ou trabalho que desorienta as crianças numa ocasião crítica da sua idade, que coincide com a saída da catequese *(causa psicológica);* 3.ª — a insuficiência natural da Catequese que sendo essencialmente um *ensino,* não dá toda a *formação,* além da que muitas vezes é deficiente sobretudo quando desenraizadada da vida *(causa pedagógica)*. À luz destas verificações concluiu : «A Catequese, sendo meio indispensável para a formação cristã das crianças não é único nem, talvez, o de maior importância relativa nos meios mais descristianizados. A sua acção deve ser acompanhada duma acção cristianizadora junto das famílias e dos outros meios que influem na vida da criança. A Catequese não pode ser uma actividade autónoma mas um dos elementos da vida apostólica paroquial».

A recristianização dos meios é lenta e entretanto há que contar com a sua influência perniciosa. De entre vários recursos que o zelo inspirará, o Pároco deve procurar o ambiente favorável dos *lares mais cristãos* da Paróquia que, estimulados e orientados nesse sentido, acolherão no seu seio benéfico os companheiros dos filhos nascidos à sua sombra. Aproveitem-se os grupos de crianças que se formam espontâneamente e reunam-se periòdicamente nesses lares. A princípio preside o Pároco que, comentando os «casos do dia» que interessam à vida da criança as vai formando cristãmente. A mãe, irmã mais velha ou mesmo o pai, assistindo a estas primeiras reuniões, poderão vir a ser excelentes substitutos do Pároco nesta acção. (Experiência do Padre Retif).

II — Formação apostólica das crianças

O apostolado da criança é exigência e irradiação duma vida religiosa intensa. Os seus educadores devem visar não só a sua salvação eterna mas o seu progresso na santidade. De entre os meios para este progresso destaca-se a

Cruzada Eucarística. — Secção infantil do A. O., destina-se à formação religiosa e pessoal do escol infantil da Paróquia. Esta formação centra-se na vida sacramental, em especial na recepção frequente da Eucaristia. Os meios que usa no aprefeiçoamento pessoal são : o conhecimento próprio pelo exame de consciência diário, a Confissão e Direcção espiritual (meio excelente que o Relator frisou com insistência) e a resolução mensal ou semanal. Centrando-se na vida sacramental, a Cruzada exige, mais que qualquer outra obra a actuação directa do Padre (o único que pode orientar as crianças no uso do Sacramento). O trabalho das zeladoras deve orientar-se para a acção do Padre.

A formação que a Cruzada dá deve irradiar em apostolado e por isso Pio XI disse que a Cruzada era a escola primária da A. C. Assim, o Relator entrou no exame dos

Organismos pré-juvenis da A. C. — São o aspirantado da Juventude Católica. Formam e orientam as crianças para ela. A sua característica fundamental é formar as crianças no próprio meio (e nisto difere, p. ex., do Escutismo) e em ordem a actuar nesse meio. Os processos a usar variam com os meios (a pré-Jec difere da pré-Joc e a pré-Jac não é uma pré-Joc ruralizada) mas todos se resumem no «ver, julgar e agir» que é o método, por excelência, da A. C. A Criança da pré habitua-se a observar o que há de mau e de bem na vida dos seus pequenos companheiros e a interessar-se e sentir-se responsável pela sua salvação. Habitua-se também a sentir-se capaz duma organização e a colaborar em matéria de apostolado.

INTERVENÇÕES E ESCLARECIMENTOS :

* *O dito apostolado de cristianização não é demasiado para as nossas organizações de apostolado infantil, que mal podem agir para levedar o meio ?* (N.).
— Decerto ; mas se não se lhes pede tudo, as nossas organizações Pré-Juvenis da A. C., e as obras auxiliares (Cruzada, Escutismo . . .), pelo menos devem *dar a sua quota parte. A transformação do meio não é obra individualista, de esforços isolados — por isso mesmo,* todos *os esforços são necessários !*

* *Se o catecismo é uma questão de* ambiente *antes de ser uma questão de* ensino, *como diz Rètif, terá de se mudar o ambiente das paróquias citadinas (p. ex.) e só depois lançar a fundo as Catequeses ?*
— Como em vários outros assuntos da Pastoral, o necessário é começar por algum lado *a resolver os problemas, isto sem perder de vista o conjunto da obra a realizar ; no caso,* vai-se *trabalhando na catequese e ao mesmo tempo* vai-se *trabalhando o ambiente.*

* *As nossas catequistas compreenderão o que deve ser um Catecismo «missionário» ?* (P.e B.).
— Compreendem, quando são postas perante a realidade nua e crua do estado religioso da Paróquia . . . Se nos obstinarmos em supor que tudo corre no melhor dos mundos possível, nunca as catequistas decerto sentirão o que se entende por «catecismo de conquista para Deus» !

PEQUENA BIBLIOGRAFIA

1.º — As publicações da A. C. P. no que respeita ao apostolado infantil.
Mais, já citados:
Catéchisme et mission onvrière — L. RÈTIF — Ed. du Cerf.
L'éducation, direction de la croissance — J. RIMAUD — Ed. Aubier — Paris.
Comment présenter le Christ aux enfants... — BOYER — Ed. O. G. E. O. — R. de Fleurus, 31 — Paris (VI).

O Recrutamento e formação de Catequistas

Relator : REV. P.e LUÍS APARÍCIO

Em palavras de introdução, o Rev.mo Relator diz que todo o educador deve fazer uma ideia justa do que é a criança. A criança difere da pessoa adulta ; tem uma personalidade irredutível com recursos que é preciso desenvolver e defeitos que é preciso combater ; tem necessidade de ser amada e portanto o educador deve cercá-la duma verdadeira afeição. A criança é a esperança do futuro ; é um valor para a família, para a Pátria e sobretudo para o Céu. A criança pertence a Deus ; o educador, qual o artista. desenhará a imagem de Deus na sua alma. Da educação depende o futuro da criança. Toda a educação cristã, fundamentada na Fé, tem Deus como centro, Cristo como nervura e a Igreja como meio ambiente. A quem compete esta educação ? À Igreja, concretizada no Bispo, no Pároco. E também à família. A insuficiência da família, sobretudo as deficiências da sua formação cristã, levou a Igreja a recorrer a leigos para colaboradores no ensino da Catequese.

O Catequista é aquela pessoa *bem formada* espiritualmente, recrutada de entre *os melhores fiéis* (ou Religiosos), *idónea* e habilitada para ministrar o ensino religioso às crianças.

Recrutamento de catequistas

Onde recrutar catequistas ? Em especial entre as dirigentes e filiadas dos organismos femininos da A. C., Conferências Vicentinas, Congregações Marianas e outras associações religiosas da Paróquia e entre as pessoas de maior zelo, piedade, inteligência, qualidades inatas com geito e habilidade para ensinar crianças. Na falta destes pessoas deve recorrer-se às catequizandas da Profissão de Fé, formando-as pouco a pouco, pondo-as a ensinar as mais novas. Não devem excluir-se os homens e rapazes que poderão catequizar com proveito os pobres, doentes e presos.

É ao Pároco que compete fazer o recrutamento que para isso deve receber no Seminário a competente formação pedagógica e pastoral. Nesse trabalho de recrutamento e formação são de grande importância as Escolas Catequísticas que devem existir em todas as Paróquias e, num campo mais largo, o Secretariado Diocesano com os seus propagandistas, sacerdotes e leigos. O grupo de catequistas paroquiais formar-se-á segundo as possibilidades de cada caso, não se devendo desprezar a contribuição de colégios e casas religiosas, e dos seminaristas em férias.

As catequistas podem dividir-se em quatro classes : *Catequizadoras* que ministram o ensino ; *Recrutadoras* que recrutam as crianças ; *Organizadoras* que angariam fundos ; *Visitadoras* com a importante e delicada missão de estabelecerem o contacto com as famílias. É da formação das primeiras, em especial, que se trata a seguir.

Formação das catequistas

1.º — *Formação cultural ou doutrinária.* «É mais fácil ser um grande orador que um bom catequista. Nunca se falará às crianças e ao povo sobre doutrina cristã, de modo a produzir bons frutos, sem ter uma preparação abalizada» (Pio X). Ao Pároco compete grande papel nesta formação e às catequistas a preocupação de aprender sempre.

2.º — *Formação pedagógica.* Além de certa habilidade natural para fazer interessar a criança pelo que se lhe ensina, a catequista deve conhecer o método apropriado (o indutivo-evangélico) e os processos e meios a empregar na Catequese. Deve estar ao corrente e dispor de livros, albuns, figuras e outro material pedagógico com que tem que lidar. Deve saber exprimir-se em linguagem acessível às crianças e conhecer-lhes bem a psicologia natural e sobrenatural.

3.º — *Formação espiritual (Mística no Catecismo).* Esta «chama catequística» é o zelo de conquista das almas dos pequeninos, encaminhando-as para Deus por N. S. Jesus Cristo, comunicando-lhes a luz da Fé e o fogo da Caridade. Isto o conseguirá pelo testemunho da própria vida — vida espiritual intensa orientada para o apostolado. As crianças aprendem mais com os olhos do que com os ouvidos.

DIRECTIVAS PRÁTICAS. Deve ter-se em conta, em primeiro lugar, o feitio próprio de cada pessoa. De entre os meios a empregar apontam-se os seguintes, dos quais os dois primeiros são objecto do 8.º voto da Semana Catequística Sacerdotal de Coimbra :

Cursos para Catequistas. É bom que se organize um por ano em cada região (Vigararia ou Sede de Freguesia e, de preferência, rolante). A esses cursos, de três ou quatro dias de formação intensiva dada por sacerdotes e leigos especializados, deve ir o maior número possível de catequistas. Os Párocos não devem furtar-se a esforços para poderem enviar a esses cursos todas as catequistas da sua Paróquia e mesmo aquelas pessoas que possam vir a sê-lo, ainda que para isso tenham que organizar rifas para as despesas (exemplo do Pároco de Atouguia da Baleia). Nesses cursos a formação técnica e pedagógica deve enquadrar-se num ambiente de intensa vida espiritual à base da Missa e Comunhão, Meditação e outros actos de piedade feitos em comunidade com sabor de retiro espiritual. Como pormenor prático, que nenhuma catequista oiça as lições sem tirar apontamentos.

Escola Paroquial para Catequistas. O Pároco deve organizá-la reunindo a suas catequistas ao menos quinzenalmente. Recomenda-se um curso de Religião alternado semanalmente com aulas de Pedagogia Catequística. Nestas se fala da criança, do seu valor, da catequista, do valor da sua colaboração e da sua mística, de modo a despertar o entusiasmo pela sua missão ; além dos conhecimentos de pedagogia e organização catequística, devem dar-se noções de dogma e moral e esclarecer todas as

dúvidas que vão surgindo. Estes conhecimentos são sempre recebidos com entusiasmo pelas catequistas e até lhes servirão para a educação dos filhinhos que tenham ou porventura virão a ter. É o Pároco o grande mestre desta Escola ; deve preparar cuidadosamente as lições para o que irá apontando durante a semana as notas que lhe forem surgindo. Estas aulas podem dividir-se em três partes : *formação* dogmática. pedagógica e mística (metade do tempo) ; *preparação* prática das lições ; *organização* das actividades catequísticas. As catequistas devem colher todos os elementos que possam servir para a sua missão, arquivando-os num dossier (pagelas, recortes de jornais, desenhos, etc.).

Biblioteca Paroquial com livros para as crianças e para as catequistas. Deve aconselhar-se também às catequistas que, pouco a pouco, vão adquirindo livros, constituindo uma biblioteca pessoal. O Pároco, por sua vez deve-lhes emprestar os seus próprios livros.

Festa da Catequista. Em cada ano poderá promover-se um Dia da Catequista que poderá começar cam a Santa Missa participada activamente, celebrada por intenção das Catequistas, em que as crianças ofereceriam um ramalhete espiritual em homenagem de gratidão às suas mestras. Da parte da tarde, no Salão paroquial, se o houver, sessão com alguns pequenos discursos e uma parte recreativa desempenhada pelas crianças. As famílias são convidadas. O Pároco, dizendo a última palavra porá em relevo a dignidade da missão da catequista e estimulando os presentes a que se dediquem ou auxiliem a Catequese.

INTERVENÇÕES E ESCLARECIMENTOS :

* *Há hoje uma dificuldade extraordinária, fora de certas paróquias da cidade, em recrutar catequistas ; tenho seguido os conselhos dos mestres competentes, e pouco tenho alcançado !* (P.e A., do meio rural).
— A palestra feita, dirige-se a suscitar as atenções sobre alguns dos aspectos *em que o problema deve receber solução. Trata-se de um autêntico problema de Pastoral, que não pode resolver-se de modo algum pela . . . desistência ; e é absolutamente impossível dar a catequese o Pároco com 2 ou 3 catequistas só.*
Há aqui matéria para se exercitar o «espírito de equipa» dos Párocos duma Vigararia, pondo em conjunto as suas experiências, e auxiliando-se mùtuamente.

* *Se a família der a instrução religiosa, os filhos dispensam-se de assistir à Catequese Paroquial ?* (P.e F., do meio citadino).
— Não, porque têm de adquirir, adaptado às suas idades, o sentido comunitário da Paróquia. Podem ir, p. ex., 1 vez por mês à Catequese na Paróquia, e sempre à preparação próxima para a 1.ª Comunhão, ou ao Retiro que então se faça.

Falam os Mestres

O magnífico Congresso Internacional de Pedagogia Religiosa, realizado em Roma, neste Ano Santo de 1950 de 10 a 14 de Outubro, teve a presença de dois dos mais notáveis Catequistas-Sacerdotes do Patriarcado de Lisboa: os RR. PP. Adriano Botelho e Álvaro Proença, que oficialmente representavam a Diocese nesse certame internacional.

Vieram, durante os «Dias Catequísticos», trazer-nos os seus relatórios sobre o que de mais proveitoso colheram em Roma em ordem à Catequese Paroquial — e, por extensão e visto realizar centro de interesse para os Sacerdotes e alunos de Teologia, em ordem ao ensino religioso nas Escolas Médias.

* * *

Resumimos, do 1.º Relatório, o do Rev. P.e Botelho:

Monsenhor D. Llorente, ao tratar da «Educação Religiosa das Crianças na Paróquia», disse que o catecismo deve ser dado da seguinte maneira: o «Credo» deve ser ensinado de modo a dar os motivos pelos quais Deus deve ser *amado* e servido... O «Decálogo» deve ensinar a maneira de *amar* e servir a Deus... Depois, devem ser reveladas às crianças as Fontes da Graça — «Oração e Sacramentos» — nas quais vamos buscar os auxílios para *amar* e servir a Deus.

As lições devem ser alegres e, por outro lado, bem explicadas de maneira a torná-las compreensíveis, para em seguida fazer decorar alguma coisa que seja necessário. Frisou a importância que tem a visita pessoal do Pároco às Famílias para trazer as crianças à catequese.

Proclamou, finalmente, que as lições devem ter sempre uma nota de Apostolado Missionário.

Mons. Parson, prelado francês, ao tratar da «Educação Religiosa da Juventude na Paróquia», pôs em relevo o facto das crianças, feita a Profissão de Fé, abandonarem a Igreja... Aponta diferentes causas deste abandono; o jovem, nesta idade, mostra-se avesso a toda a submissão, discute tudo e de tudo duvida; mas também é certo que se deixa entusiasmar por tudo o que é belo e grande; tem grande tendência para imitar quem *admira.*

Por isso o ensino da Religião nesta altura deve ser mais *concreto* que teórico; mais *positivo* que negativo na parte moral. Apresente-se N. S. Jesus Cristo como Modelo da Juventude e Homem perfeito que *arrebatava* os jovens do seu tempo.

Apresentemos o Evangelho de modo que o jovem se sinta atraído pela beleza da doutrina e pela santidade do Senhor. Mostremos os *exemplos vivos* do Senhor, porque eles levam à imitação: Jesus terno filho, operário, amigo da infância e da juventude, dos fracos, dos pecadores, dos infelizes.

Também são proveitosos os exemplos dos grandes santos : S. Francisco de Assis, S. Francisco Xavier, S. Vicente de Paulo, S. João de Deus etc.

Os meios de *atrair os jovens* que o Ex.mo Relator descreve, aliás bastante conhecidos em França e na Itália, deveriam ser aproveitados também em Portugal...

O *Dr. Joannes Heeman,* Superior da Associação «Catholic Missionary Society» da Inglaterra, falou sobre «Educação religiosa dos adultos». Por sinal, S. Em.cia o Sr. Cardeal Piazza (que presidia à sessão) antes de o relator começar disse num comovente discurso que a instrução religiosa dos adultos é o «punctum dolens» de todo o problema catequístico ; que era necessário conhecer as causas do afastamento dos adultos da igreja e encontrar os remédios para evitar essa fuga. Por último apontou algumas causas : muitos já não têm fome do sobrenatural, apegando-se às solicitações do mundo, para o que contribuem grande quantidade de divertimentos : teatros, cinemas, desportos, etc.

O relator expôs o modo de atrair os adultos. Aponta como remédio *primeiro* para os que vivem religiosamente, fazer chegar às suas mãos o *horário* dos actos religiosos da Igreja.

Segundo, para os que vivem totalmente afastados de Deus, procurar por meio do *apostolado dos leigos* que eles se interessem pela Religião. Criar-lhes *cursos* ou até *escolas* apropriadas para o estudo da religião ; nelas haveria uma espécie de «caixa de perguntas», para serem lançadas as dúvidas e as objecções ; toda a Doutrina deverá ser ensinada em 30 lições, sendo vantajoso dar a cada assistente, depois da lição, uma folha impressa com o resumo do assunto estudado.

Além dos variados cursos, o orador, diz que se devem convidar os leigos a fazerem uns *dias de «recolecção»* com meditação e outros exercícios piedosos ; seriam dias em que um sacerdote explicaria o «uso e significado» de todos os ornamentos e objectos da igreja, altares, baptistério, etc.; a recolecção terminará por um inquérito acerca das impressões deixadas.

As comunicações e intervenções dos vários países foram muito interessantes e práticas.

A ESPANHA apresentou como meios para catequizar adultos:

1.º — missões especializadas para os diferentes estudos, profissões e sexos;
2.º — Catecismo móvel — com senhoras devidamente preparadas — indo a casa dos paroquianos, ensinando as crianças para atingir os pais.

ÁUSTRIA — Nada melhor que fazer sempre a *catequese* nas Missas, casamentos, baptizados, etc. Numa palavra aproveitar todas as oportunidades do ambiente «religioso» que os actos do Culto proporcionam.

SUÍÇA — Preconiza a *Semana Bíblica* com homilia às Missas e explicações, projecções, etc., à tarde; leitura frequente da Sagrada Escritura.

ITÁLIA

1.º — boa preparação dos pregadores;
2.º — distribuição, na pregação, dos esquemas dos assuntos tratados;
3.º — livros e boa imprensa;
4.º — ensinar às famílias os resumos das lições da catequese;
5.º — nos sermões procurar dialogar com os ouvintes.

ESTADOS UNIDOS — Aconselha:

1.º — Congressos e cursos, diferenciados segundo sexos e grau de instrução;
2.º — folhas volantes.

EQUADOR — Cursos e conferências apologéticas.
CUBA — Institutos especiais para se prepararem pregadores para a Quaresma.
ALEMANHA — Para desviar os fiéis do perigo dos Protestantes propõe:

1.º — Associações de homens, mulheres, jovens de ambos os sexos onde devem ser feitos ciclos de estudos e ciclos bíblicos.

FRANÇA — Preconiza a recolecção *das famílias*: é a nova técnica familiar, a contrapor à especialização «individual». Distribuição racional de Folhas catequísticas consoante o grau de capacidade e cultura intelectual dos leitores.

Mons. Roberti, Secretário da Lag. Cong. dos Seminários insistiu na necessidade da formação dos sacerdotes catequistas, desde o Seminário. Além disso, recomendou reuniões diocesanas, interdiocesanas e nacionais para a formação de Sacerdotes, e que nos Exercícios Espirituais se falam aos sacerdotes do munus catequístico.

* * *

Sobre a «*Associação da Doutrina Cristã na Paróquia*» falou *Mons. Edwin O'Hara,* Bispo de Kansas, nos Estados Unidos.

Insistiu na obrigação que todos os párocos têm de *erigir* esta Associação. A primeira finalidade desta é o «Dia Catequístico» anual, em cada paróquia e até em cada Diocese. A Associação da Doutrina Cristã é imensa e abrange a todos: católicos e «não católicos; ela deverá procurar que todos conheçam e amem o Senhor — É aos associados activos da Associação da Doutrina Cristã que se pode pedir melhor o esforço de interessar todas as famílias pela educação religiosa dos filhos, o trabalho de, dedicadamente, irem de porta em porta a espalhar as folhas de propaganda católica.

Do 2.º Relatório, o do Rev. P.e Proença, tomámos nota :

O Rev. relator começou por apresentar o estudo do *Cónego Luís Beckers* — inspector de Religião nas escolas primárias belgas, acerca do «Ensino Religioso nas Escolas Primárias». Depois de falar na situação jurídica das escolas primárias oficiais e confessionais; referiu-se à maneira de *tornar eficiente* o ensino religioso, nas escolas.

1 — Esta eficácia depende, em grande parte, daquele que ensina, quer seja sacerdote ou leigo. Por isso é escusado encarecer a importância da sua preparação.

— O catequista — tem delegação da Igreja para ensinar e infundir virtudes cristãs.
— pode e deve usar livros adoptados e adaptados.

— O Ordinário deve vigiar pela disciplina e pela idoneidade do ensino.

(Quanto à idoneidade dos catequistas «talvez» haja grandes dificuldades, entre nós quando estes forem leigos, e o mesmo se dirá, acerca da disciplina do corpo de catequistas.)

Na Bélgica, um sacerdote vigia o ensino, e deve receber estipêndio do poder público. Em muitas escolas é o próprio Clero que ministra o ensino e, por sua vez, pode delegar em pessoa escolhida por ele.

(Creio que é isto que vai fazer-se entre nós. Honra seja aos nossos Ex.^{mos} Prelados).

2 — Todas as escolas estão obrigadas ao uso do catecismo nacional. A uniformidade do programa impõe-se de uma maneira absoluta; em Portugal, abundaremos nas mesmas ideia...

3 — São admitidos vários métodos mas todos têm a mesma finalidade: que a religião informe toda a vida do instruído.

— Os métodos devem ser intuitivos, com exemplos para os sentidos externos e imaginação;

— A vontade deve ser preparada para a transformação da vida ou para a sua elevação.

4 — *Em todos os anos, toda a doutrina deve ser dada em quatro graus progressivos.*

Um triunfo está alcançado — diz. A Igreja vai oficialmente, exercer o seu ministério junto das crianças do país.

Creio que será necessário olhar para a uniformidade do ensino.

Parece-me que será regra fundamental, para que o nosso ensino valha alguma coisa: EM TODOS OS ANOS, A DOUTRINA DEVE SER DADA, EM QUATRO GRAUS PROGRESSIVOS.

O problema levanta-se. Se o pároco ou catequista vai apenas fazer uma lição de conjunto, quantos atingirá? Decerto que o efeito didático se esvai...

Urge aproveitar o tempo! «Os pequeninos pediram pão e não houve quem lho partisse...» ou lho distribuisse de maneira adequada à sua capacidade digestiva.

E a Igreja nem sempre terá liberdade. É a triste experiência de todas as idades.

É pois urgente a preparação de *material escolar* adequado, ainda que tenham de se sacrificar revistas espalhafatosas e coisas variadas.

5 — Também a hora escolhida é importante.

O relator diz que a parte da manhã, parece ser a melhor; e o comentador, acrescenta:

De modo algum se deve dar às crianças, a impressão de que a instrução religiosa lhes é ministrada num tempo suplementar e de menos importância.

No 3.º ponto apresentou-se OS MEIOS AUXILIARES, EXTRA-ESCOLARES, EM QUE A INSTRUÇÃO RELIGIOSA SE DEVE APOIAR.

1 — O trabalho junto dos pais — reuniões e exortações para que colaborem no trabalho catequístico.

2 — Boletim paroquial para preparação cristã das famílias.

3 — Associações — pré-juvenis — de piedade — escotismo — patronatos.

E acrescentaríamos: — Folhetos de propaganda — festas — pequenas brochuras oferecidas às crianças e que iriam cair nas mãos dos pais.

* * *

A seguir, *o Inspector geral do Ensino Religioso em Itália* traça o perfil do inspector ideal: culto, piedoso, conhecedor dos métodos de ensino, dos mestres e compêndios,

deve nas suas visitar interrogar sobre o sentido das fórmulas, e prática de vida cristã, deve ser um estímulo e, se não for forte, torna-se inútil o seu cargo.

* * *

Na 1.ª conferência tratou-se do *Ensino religioso nas Escolas médias ou superiores* o relator foi o *P. Guilherme Bless s.j.* director do Centro catequístico canisiano, na Holanda.

Depois de encarar a situação jurídica do ensino da Igreja apresentou o ideal que deve atingir o ensino: Claro — Cristocêntrico — Psicológico — Prático. Insistindo em que de modo algum se deve tratar este ensino como uma ciência profana: há para ele uma pedagogia religiosa, e pedagogia religiosa do sobrenatural.

* * *

O Rev. Clemente Tilmann, de Munich, fala claro e profundamente sobre o PROFESSOR DA RELIGIÃO.

Primeiro fala dos diversos géneros de mestres da Doutrina Cristã:

Os nossos Bispos — Os Párocos e outros sacerdotes delegados — Os professores das escolas — Os catequistas leigos, profissionais — Os catequistas leigos, auxiliares — Os pais.

Na segunda parte, coloca-nos diante dos olhos o divino modelo: Jesus.

a) — Qual *o fim* que Jesus teve ao ensinar? — Anunciar o *Evangelho.* Boa Nova!

b) — Como ensinou? — Começou com analogias e factos da vida corrente. Palavras claras. Não foi para o teorismo nem palavras inacessíveis.

Passava das coisas visíveis para as invisíveis.

Procurava que a doutrina fosse fixada, e que se traduzisse em prece: ensinou o «Pai Nosso»...

Agitava e comovia às almas, para as levar à prática da Fé que nelas havia penetrado.

Descendo agora à prática, pense o Professor de Religião que:

a) — O fim do ensino é a Salvação, por uma vida cristã.

b) — O ensino deve ser concreto, simples e ordenado à vida.

Acerca destas opiniões, o comentador diz:

Com preocupação das fórmulas simples, das palavras acessíveis, não estaremos já a ensinar fórmulas dúbias ou inclinadas a isso? Sabe-se que a juventude, por exemplo, conhece toda a terminologia técnica do futebol, etc.; não será o caso de ver se não estaremos nós, demasiadamente inclinados a abolir fórmulas e a falar apenas, momentâneamente, à inteligência do aluno, sem lhe exigir trabalho, muito felizes por que... o menino percebeu?

Outras foram as afirmações feitas pelo relator: CERTAS VERDADES DEVEM SER MANDADAS RETER, VERBALMENTE, NA MEMÓRIA e aos discípulos deve exigir-se uma certa actividade, dentro e fora da aula: Exercícios escritos, trabalhos manuais, oração e obras de amor de Deus e ao próximo.

Finalmente, o relator afirma que a Instrução e preparação dos mestres, mesmo dos clérigos, é indispensável, sob o aspecto cultural, ascético e didático; e insistiu na boa escolha de professores.

* * *

A nona conferência versou um tema palpitante e prático: OS SUBSÍDIOS PARA A INSTRUÇÃO CATEQUÍSTICA e foi exposta com forte realismo pelo *Ex.mo Arcebispo de Montevideu.*

Muitas vezes, as lições de catequese são tão massadoras que os alunos, aborrecidíssimos, desejam chegar ao fim o mais depressa possível.

Não é a matéria que é árida. O metre é que a não expõe razoavelmente.

Este é o problema.

Como resolvê-lo?

O catecismo, síntese das verdades reveladas, exige para ser ensinado convenientemente:

a) — Um texto capaz;
b) — A difusão desse texto por organismos convenientes;
c) — Um método de exposição ou SUBSÍDIOS PEDAGÓGICOS.

Supostos os 2 primeiros elementos o expositor vai falar dos vários meios que o catequista pode e deve empregar para tornar viva e atraente a lição.

SAGRADA ESCRITURA:

— Fonte do ensino catequístico.
— Subsídio da máxima importância, tendo em atenção de modo especial a didática do Mestre divino e as parábolas. Portanto, edições populares da S. Bíblia, são necessárias.

LITURGIA SAGRADA:

— De incalculável valor para expor de modo sensível conceitos espirituais. Já os judeus faziam catequese por meio das principais festas e ornamentos sagrados.
— Devem fazer-se comentários acerca da liturgia da Missa e dos sacramentos, e do ano Litúrgico — como foi aqui dito e redito.

SUBSÍDIOS MATERIAIS:

— Textos: uniformes, progressivos e cíclicos. O catecismo deve ser dividido em 3 ciclos e o seu texto bem gravado na memória para, *depois,* ser bem explanado pelo catequista.
— Quadros parietais: além dos que servem para explanar determinadas lições, outros permanentemente afixados.

— Jogos catequísticos: adaptados, pois do facto de serem mal escolhidos vem a sua ineficácia, em certos casos.
— Projecções: dar grande elasticidade e potência ao ensino, ficando muito mais vastas que os quadros. Entretanto, sem lhe desconhecer as vantagens.
Será bom precaver o perigo que torne o «subsidiário» meio fundamental, substituindo os métodos tradicionais por um ensino feito só à base de projecções
— O cinema: meio eficacíssimo de instrução. Deve portanto procurar realizar-se películas que possam servir como subsídio directo.
— Teatro catequístico: meio utilíssimo mas muito delicado.
— Emissões radiofónicas (o relator é especialista neste género de catequese).

Depois de dar algumas normas para uso eficaz destes subsídios, o Ex.^{mo} relator tirou as conclusões práticas:

— Conhecimento da S. Escritura da parte dos Catequistas.
— Associar os alunos às cerimónias litúrgicas, convidando-os a assistir a elas e fazendo a sua explicação.
— Necessidade da fundação duma casa, que forneça por baixos preços, bom e abundante material.
— Emissões radiofónicas catequísticas.
— Escolas catequísticas de formação.
— Nos Seminários, aulas teórico-práticas de pedagogia catequística.

* * *

Depois desta conferência entrou-se em animada discussão. Insiste-se sobretudo na necessidade dum texto único: Simples e gradual, para o 1.º ano interrogativo, para o seguinte descritivo — Elegante e ilustrado — Versando também a questão social — Seguindo os modernos processos didáticos — Fundado na S. Escritura — Com História Eclesiástica para os últimos anos — Com música e cânticos.

E aqui tem, amigo leitor, a voz dos mestres . . .

C.

★

Conclusões dos Dias Catequísticos

A PERSONALIDADE DA CRIANÇA

Considerando que:

1.º — até à idade da razão a criança é caracterizada por uma grande expontaneidade e por grande afectividade e que a sua actividade se exerce à maneira de jogo e à base da imitação;

2.º — da idade da razão à adolescência, é dotada de razão prática de certa estabilidade.

Conclue-se:

1.º — a sua formação deve ter em conta as suas características psicológicas e a a sua moralidade pode reduzir-se à virtude da obediência;

2.º — é preciso evitar ilogismos ou exageros no ensino e devem cultivar-se ao máximo os seus hábitos bons.

A FORMAÇÃO MORAL DA CRIANÇA

Considerando que:

1.º — o principal motor da actividade infantil antes da razão é o apetite sensível;

2.º — que a criança não se interessa senão pelo que tem valor prático e que o Catecismo «deve ensinar a viver a vida cristã»;

3.º — que os princípios da moral natural são de grande importância para a formação da consciência, sobretudo para evitar as infiltrações do relativismo moral que tem como consequência o utilitarismo prático, hoje tão generalizado;

4.º — que a correcção dos defeitos mais frementes e a aquisição de bons hábitos é parte essencial da formação moral;

Conclue-se que:

1.º — devem criar-se predisposições morais, mesmo antes da idade da razão, actuando sobre o apetite sensível;

2.º — deve orientar-se o Catecismo para a vida prática, levando as crianças a fazer propósitos concretos deduzidos de cada lição;

3.º — importa fundamentar a formação da consciência moral da criança nos princípios éticos aperfeiçoados pela moral cristã;

4.º — o catequista deve estimular na criança o gosto do sacrifício, aduzir o exemplo do Menino Jesus e iniciá-la na frequência dos Sacramentos como meio de aperfeiçoamento moral indispensável.

A FORMAÇÃO ESPIRITUAL DA CRIANÇA

Considerando:

1.º — que a vida cristã é essencialmente uma vida sobrenatural;

2.º — que as necessidades actuais da Igreja exigem que se dê à criança uma vida de piedade concreta e profunda;

Conclue-se que:

1.º — é preciso desenvolver as energias espirituais depositadas na criança pelo Baptismo, criando nela uma mística cristã ousada e vivida;

2.º — na Catequese devem utilizar-se frequentemente as lições de coisas acompanhadas de reflexões oportunas e pequenas orações feitas colectiva ou individualmente pelas crianças.

A FORMAÇÃO LITÚRGICA DAS CRIANÇAS

Tendo em conta que a Igreja sempre considerou a sua Liturgia como meio e ambiente próprio para a formação dos fiéis,

Conclue-se que:

1.º — a Catequese deve levar a criança a participar viva e activamente nos Sacramentos, Ritos e Cerimónias da Igreja, sendo excelentes meios a Missa dominical das crianças, a sua participação no canto litúrgico, a formação de meninos do coro e o uso de paraliturgias;

2.º — deve vulgarizar-se o A. T. para que a Liturgia do N. T. seja compreendida em todo o seu alcance e explendor;

3.º — deve administra-se ensino litúrgico competente às catequistas.

A FORMAÇÃO APOSTÓLICA DAS CRIANÇAS

Considerando que:

1.º — a A. C. é o meio providencial para a recristianização do tempo actual e que todo o católico deve militar nas suas fileiras;

2.º — que o apostolado é a irradiação duma caridade intensamente vivida;

Conclue-se que:

1.º — toda a Catequese se deve orientar no sentido da A. C., dando às crianças a espiritualidade e formação próprias do apostolado da instrução no próprio meio, e integrando-as nos organismos pré-juvenis da A. C.;

2.º — como complemento da Catequese e iniciação na A. C., deve recorrer-se à Cruzada Eucarística, destinada à formação religiosa do escol infantil da Paróquia e ser «escola primária da A. C.» (Pio XI).

O MEIO E A CRIANÇA. GARANTIAS PARA A PROFISSÃO DE FÉ E ADMINISTRAÇÃO DO BAPTISMO

Considerando que:

1.º — do meio ambiente (família, escola, local de trabalho, vida social) depende quase exclusivamente a vida cristã e a perseverança das crianças;

2.º — a Profissão de Fé, por volta dos 11 ou 12 anos, só tem sentido e razão de ser como expressão e afirmação pública da vida cristã já praticada pela criança ao longo dos anos de Catequese;

3.º — o mundo de hoje está profundamente descristianizado e a maioria dos cristãos o são apenas de nome e que nem sempre os adultos são convenientemente preparados para o Baptismo e nem sempre as famílias dão garantias de educação cristã dos filhos que levam a baptizar, contribuindo isto para que se não dê o verdadeiro valor aos Sacramentos e para o descrédito do Cristianismo;

Conclue-se que:

1.º — o nosso esfoço de apostolado não pode dirigir-se apenas às crianças mas deve, para ser eficaz, atingir todos os meios de vida no sentido de os cristianizar, criando assim o ambiente que garante a perseverança das crianças na prática cristã;

2.º — não se devem admitir à Profissão de Fé, por volta dos 11-12 anos as crianças que, embora sábias em doutrina não tenham já uma vida cristã de harmonia com a sua idade, sendo de pedir a revisão do cerimonial da mesma Profissão de Fé para extirpar o que nela há de inadequado às realidades da vida contemporânea e à seriedade deste acto.

3.º — é de pedir que seja estudado por quem de direito o problema da disciplina actualmente em vigor entre nós a respeito da administração do Baptismo aos adultos e aos filhos de pais baptizados que de facto não dêem garantias quanto à futura educação cristã dos mesmos.

EVOLUÇÃO DOS MÉTODOS DE ENSINO

Considerando que:

1.º — é inadequado o catecismo de perguntas e respostas e, atendendo aos grandes progressos que a pedagogia tem realizado nestes últimos tempos;

2.º — Todo o sistema pedagógico supõe uma concepção da vida;

3.º — que a filosofia nunca engloba totalmente o homem pois não abarca o sobrenatural nem lhe proporciona os meios eficazes para atingir o seu fim eterno.

Conclue-se que:

1.º — é necessário remodelar os métodos pedagógicos de ensino religioso de acordo com os progressos profanos da boa e sã técnica moderna, introduzindo o processo evangélico-litúrgico que, bem compreendido, é um precioso auxiliar do ensino catequético;

2.º — o método, qualquer que seja, é apenas um instrumento inactivo se não for dinamizado pelo influxo dum ideal determinado e movido pelo amor de Jesus Cristo, o único Pedagogo;

3.º — a Catequese é absolutamente estéril se não conta com a graça, devendo proporcionar às crianças um ambiente sobrenatural que favoreça a infusão da graça e o desenvolvimento das virtudes cristãs.

OS CICLOS NA CATEQUESE

Considerando que:

1.º — o ensino deve ser adaptado à capacidade intelectual das crianças e que esta se desenvolve progressivamente e não por saltos;

2.º — a pedagogia e a organização do ensino exige a divisão das crianças em classes e estas em grupos;

3.º — a experiência, os dados da psicologia infantil e da pedagogia mostram que a criança, na idade da catequese, tem grande capacidade de memorização;

4.º — a experiência mostra que os exames na Catequese têm vantagens ou inconvenientes conforme o uso que deles se faz.

Conclue-se que:

1.º — deve enveredar-se pelo método cíclico que deve ser Cristocêntrico;

2.º — a divisão por classes deve obedecer ao sexo, idade e capacidade intelectual e a divisão por grupos deve tomar por base, tanto quanto possível, os grupos naturais das crianças;

3.º — no ensino catequético deve harmonizar-se o uso da memória e compreensão das crianças;

4.º — os exames não devem reprovar-se e devem fazer-se no fim do ano catequético mas apenas para saber se as crianças devem ou não transitar para a classe seguinte. Não devem limitar-se a mero interrogatório dirigido à inteligência.

OS GRÁFICOS NO ENSINO RELIGIOSO

Considerando que:

1.º — o gráfico, bem executado, tem grande valor para dar às crianças uma ideia das realidades espirituais;

2.º — e deve, quanto possível, prender a sua atenção;

Conclue-se que:

1.º — é muito conveniente o seu emprego na Catequese;

2.º — tem de ser simples, claro e exacto, empregando o movimento e as cores como elementos lúcidos.

O CANTO NA FORMAÇÃO RELIGIOSA DAS CRIANÇAS

Considerando que:

1.º — o canto é duma grande importância e necessidade na Catequese como meio de conquista e formação;

2.º — a criança gosta de cantos simples mas vivos e significativos;

3.º — não há uma colecção de cânticos adaptada à Catequese e nem todos os Rev.mos Párocos têm tempo ou facilidade de ensaiar;

Conclue-se que:

1.º — em todas as lições do catecismo se devem dedicar alguns minutos ao canto;

2.º — os cânticos devem ser infantis e de sabor popular: letra expontânea e clara; música muito tonal, sem grandes dissonâncias. Poderão ensaiar-se até as peças gregorianas mais simples;

3.º — deve pedir-se ao Secretariado Nacional da Catequese a publicação duma colectânea de cânticos infantis e outros mais necessários para a vida paroquial que seriam gravados em disco pelo Seminário dos Olivais.

RECRUTAMENTO E FORMAÇÃO DE CATEQUISTAS

Considerando que são necessários muitos e muitas catequistas para atender às necessidades das nossas Paróquias e que a sua missão exige uma competente formação doutrinal, pedagógica e mística;

e, tomando por base os resultados e conselhos da experiência,

Conclue-se que:

1.º — é urgente recrutar grande número de catequistas, recorrendo nomeadamente aos Organismos da A. C., Conferências Vicentinas, Congregações Marianas e outras associações religiosas e mesmo às próprias catequizantes mais adiantadas;

2.º — para a formação de catequistas deve recorrer-se aos Cursos anuais de formação pedagógica intensiva a realizar durante 3 ou 4 dias em todas as Regiões ou Vigararias e, quando possível, rolantes pelas diversas Paróquias e ainda a Escola Paroquial de Catequistas onde, em reuniões semanais ou pelo menos quinzenais, se dêm normas eficientes para o ensino e organização da Catequese;

3.º — devem aproveitar-se todos os estímulos para garantir a formação e perseverança das catequistas, nomeadamente a Biblioteca Paroquial e a Festa ou Dia da Catequista promovida todos os anos na Paróquia.

IMAGENS — MISSAIS
PARAMENTOS
LIVROS RELIGIOSOS

E

TODOS OS ARTIGOS
PARA O CULTO

LIVRARIA CATÓLICA

Casa fundada em 1866

SOUSA TAVARES, L.DA

220 — RUA AUGUSTA — 222 Telefone 2 7757 LISBOA

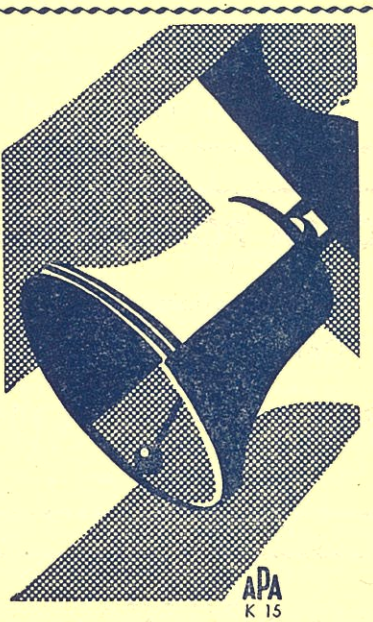
Pratas de arte, jóias, bronzes artísticos, pratarias para o Culto

realizadas pela célebre
OURIVESARIA ALIANÇA
nas suas oficinas próprias
e muito bem organizadas.

Fornecem-se orçamentos
Preços módicos
OURIVESARIA ALIANÇA
Celestino da Motta Mesquita
Proprietário

Sede:
Rua das Flores, 191 a 211
PÔRTO

Filial:
Rua Garrett (Chiado), 50
LISBOA



NÃO SE ALARME

COM O INSUCESSO, NEM COM A COMPLICAÇÃO DA TÉCNICA FOTOGRÁFICA A MAIOR ORGANIZAÇÃO NO SEU GÉNERO EM TODO O MUNDO TEM ESTUDADO E RESOLVIDO OS MAIS COMPLEXOS PROBLEMAS PARA OS PÔR FÁCILMENTE AO SEU ALCANCE CONSULTE

Kodak
KODAK LTD - RUA GARRETT

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

Rua da Vitória, 82 a 88 — Rua do Ouro, 166 a 170

Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha — Lustres — Lâmpadas — Lanternas — Placas — Castiçais

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS — AQUECIMENTO CENTRAL — ELÉCTRICAS
CASAS DE BANHO — VENTILAÇÃO — CONTRA INCÊNDIOS
PÁRA-RAIOS — ASCENSORES — TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

CASA PORTUGUESA

Grandes oficinas gráficas

Composição mecânica

RUA DAS GÁVEAS, 103

TELEFONES P. B. X. 21271-27817

LISBOA

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

CASA AMÉRICO FÂNZERES

OFICINAS DE IMAGENS, PINTURAS, DOURAMENTOS E OBRAS DE TALHA. RESTAUROS. PINTURAS DE TELAS E CETINS.

Largo de S. João do Souto — BRAGA

TELEFONE 2704

ARMAZÉNS REUNIDOS

LIMITADA

Artigos para caça, pesca e sport

Tudo para escritório

Armazenistas de Papel

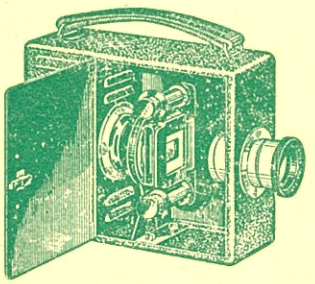
Móveis e ficheiros em aço

RUA DO CARMO, 105-107 — LISBOA

TELEGRAMAS: ARMAS / TELEFONE: 25500

CAMERAFIX

O REI DO «ÉCRAN»



DENTRO EM BREVE CHEGARÁ NOVA REMESSA DESTE AFAMADO PROJECTOR

Preferido pela sua

LUMINOSIDADE • ECONOMIA • SIMPLICIDADE

GRANDE VARIEDADE DE FILMES FIXOS DOS MELHORES EDITORES

A PROJECÇÃO FIXA É O MÉTODO MAIS PERFEITO PARA O ENSINO DA CATEQUESE!

QUADROS PARIETAIS: Sobre Catecismo (colecção de Quinet em 4 séries), sobre a Santa Missa e Baptismo, com figuras móveis. Colecção de Quinet sobre o Corpo místico e Hierarquia da Igreja (primorosa colecção a cores)

Consultai: *ALPHA ET OMEGA* — BAPTISTA & PADILHA, LDA.

RUA EUGÉNIO DOS SANTOS, 30-2.º — LISROA — TELEF. 28709

MÁRMORES E CANTARIAS

Pardal Monteiro, Limitada

(Casa fundada em 1888)

Sede e instalações industriais:

PERO PINHEIRO

EM LISBOA:

Estrada de Benfica, 167 a 171 (Sete Rios)

Telefones: P. P. 18 e 74307

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc

Qualidades para todos os preços-Exclusivos

Secção de cachecois e lanifícios de côr

DESCONTOS A PRAZOS

COVILHÃ

1874 77 1951

ANOS AO SERVIÇO DO PÚBLICO

AGÊNCIA MAGNO

FUNERAIS - TRASLADAÇÕES - EMBALSAMAMENTOS - TRANSPORTES - ARTIGOS FÚNEBRES

DECORAÇÕES

SEDE: — Rua de Santa Marta, 52-A, 56-A

Telefones — 43180, 43189 e 55301

ÚNICAS SUCURSAIS:

1.ª SUCURSAL

Calçada Marquês de Abrantes, 113-117

Telefone — 62772

2.ª SUCURSAL

62, Rua Frederico Arouca, 62-A — Cascais

Telefone — CC 22

A maior organização comercial no género

Tosse?

